

L I T E R A T U R A
Arte
NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Um olhar cheio de metamorfoses

Criando asas para voar no infinito da imaginação

**Biblioteca
Comunitária Inez
Fornari
Mangueira da Torre**



Festas literárias da Rede:



L I T E R A T U R A

Arte

NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Expe diem te

Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização, Revista #7, Ano 2023

Revista do Centro de Estudos
em Educação e Linguagem – CEEL

A Revista do Centro de Estudos em
Educação e Linguagem (CEEL) tem como
objetivo primordial promover um debate em
torno das produções culturais que circulam
dentro e fora da escola e que formam
leitores da literatura e da arte.

Organizadoras

Beatriz de Barros de Melo e Silva
Ester C. S. Rosa
Maria Helena Santos Dubeux
Telma Ferraz Leal

Apoio

Isabella Augusta de Carlo Furtado Bastos

Designers

Breno Chamie – Projeto Gráfico
Rodrigo Fischer – Ilustrações
Maria Gabriela Alves Lima – Diagramação

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca do Centro de Educação da UFPE

L775 Literatura e arte no ciclo da alfabetização / UFPE, Centro
de Estudos em Educação e Linguagem. – Ano 1, n.1 (set. 2017)
Recife: CEEL/UFPE, 2017-.
Anual.
ISSN 2595-6086
Fascículo atual Ano 7, n. 7 (nov. 2023)

1. Literatura. 2. Arte. 3. Alfabetização. 4. Leitura. I. Silva,
Beatriz de Barros de Melo e (Org.). II. Rosa, Ester Calland
de Sousa e (Org.). III. Dubeaux, Maria Helena Santos e
(Org.). IV. Leal, Telma Ferraz (Org.).

372.4 CDD (22.ed.)

Autores/Autoras

Adilza Regina de Lima Silva
Adriano Dias de Andrade
Aline Alves de Lucena
Amanda Ramos e Silva
Ana Luiza de Souza e Silva
Andrea Vasconcelos
Beatriz de Barros de Melo e Silva
Carminha Bandeira
Edivani Silva de Souza
Elizenice de Vasconcelos Peixoto Barros
Érica Montenegro de Mélo
Gustavo Bezerra
Helen Santos
Ialy Cintra Ferreira
Isis Thayzi Silva de Sousa
José Pereira de Barros
Maria das Graças Vital de Melo
Maria de Fatima da Conceição Dutra
Maria Helena Dubeux
Maria José Pereira de Melo Sousa.
Mizia Batista de Lima Silveira
Nhelma Magda Barbalho de Santana Barbosa
Renan Moura de Freitas
Rodrigo Luiz Castelo Branco Fischer Vieira
Rosália da Silva Santos
Rúbia Uchôa
Siane Gois Cavalcanti Rodrigues
Socorro Barros de Aquino
Socorro Barros
Tania Maria Rabelo
Telma Ferraz Leal
Wendell Batista dos Santos

Revisora

Ana Lima

Parceiros

Programa Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas
Bibliotecas Comunitárias

Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura
Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães
Biblioteca Comunitária Cepoma
Biblioteca Comunitária Educ Guri
Biblioteca Comunitária Poço da Panela
Biblioteca Comunitária Mangueira da Torre
Biblioteca Multicultural Nascedouro
Biblioteca Perú
Biblioteca Popular do Coque
Biblioteca Comunitária das Formiguinhas Sem-teto

Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco
Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco
Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores – Recife
Rede de Bibliotecas pela Paz - Compaz
Rede de Bibliotecas do Coque

Sumário

⌘ **Editorial**

Artigos

- 11 Desenho esquemático e estereotipia, como sair disso?
Beatriz de Barros de Melo e Silva
- 14 Por uma vida derivante: escutar e permitir o simples nas bibliotecas comunitárias. Renan Moura de Freitas e Maria de Fátima da Conceição Dutra
- 17 Um olhar cheio de metamorfoses - palavra e imagem em André Neves. Rodrigo Luiz Castelo Branco Fischer Vieira
- 21 Biblioteca escolar: lócus de cultura através do mundo da literatura na produção de saberes. Mizia Batista de Lima Silveira; Nhelma Magda Barbalho de Santana Barbosa; Wendell Batista dos Santos

Entrevistas

- 26 Rinaldo Silva. Artista plástico e formador de professores na linguagem de Artes Visuais
- 28 A história do meu povo é o que me move. Roma Julia, contadora de histórias

Poesia/Conto

- 31 Noite/ Domingo - Adriano Dias de Andrade
- 32 Felicidade - Telma Ferraz Leal
- 33 O caminho - Rosália Santos
- 34 Literatura e sonhos por uma biblioteca comunitária dos sem-teto - Maria de Fatima da Conceição Dutra; Ana Luiza de Souza e Silva; Isis Thayzi Silva de Sousa

Relatos de experiências

36 Intercâmbio cultural através de cartas: as crianças do Coque escrevem para o mundo, a partir das ações fomentadas pela biblioteca escolar. Adilza Regina de Lima Silva; Amanda Ramos e Silva; Edivani Silva de Souza; Érica Montenegro de Mélo; Socorro Barros de Aquino

40 Projeto 'Criando asas para voar no infinito da imaginação'- Uma experiência literária na ilha de Fernando de Noronha – Pernambuco. Andrea Vasconcelos; Gustavo Bezerra; Rúbia Uchôa

45 Sussurros poéticos
Maria José Pereira de Melo Sousa Aline Alves de Lucena Pereira (colaboradora)

Depoimentos

49 Memórias afetivas da iniciação à leitura. Lições do projeto 'Camaragibe que lê'. Carminha Bandeira, Helen Santos e Maria Helena Dubeux

55 Biblioteca pública - integrar, existir e agir coletivamente. Ialy Cintra Ferreira

Cenas de leituras

59 O impacto da leitura na vida de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa na Funase. Socorro Barros

Sugestões de atividades

62 Olhos que veem. Maria das Graças Vital de Melo

63 Mapa pernambucano: o reconhecimento dos povos indígenas originários do estado de Pernambuco. Tania Maria Rabelo

64 Conexões literárias: (Re)vivendo os clássicos - uma experiência em sala de aula. Elizenice de Vasconcelos Peixoto Barros e José Pereira de Barros

Lugares para visitar

66 Parque Estadual Dois Irmãos.
Maria das Graças Vital de Melo

Biblioteca: eu recomendo

70 Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira da Torre.
Siane Gois Cavalcanti Rodrigues.

Resenhas

73 *Chico – Artista brasileiro.*
- Telma Ferraz

74 *Leite derramado.*
- Telma Ferraz

76 *Um pouco de humor e apurando o olhar*

Beatriz de Barros de Melo e Silva

Edição viii

*olhei para o passado
as folhas dos calendários
caindo*

*é preciso plantar cedo sua árvore
pra mais tarde ter uma sombra
que lhe agasalhe*

Poema do livro *aDeus* (Mariposa Cartonera)

Com esse convite de Miró, poeta pernambucano, que é tema das ilustrações deste volume, olhamos para o passado e vemos que nossa árvore foi plantada cedo e hoje nos dá uma sombra que nos serve de agasalho. Sete anos se passaram entre a primeira edição da **Revista Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização** e o volume que agora compartilhamos. Olhando para esse percurso, vemos mudanças e identificamos permanências.

Iniciamos, lá em 2016, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), como parte do projeto ‘Mediadores de leitura na escola e na biblioteca’. Naquele momento, já estava firmado o compromisso de destacar, nessa publicação, ações e parcerias entre bibliotecas comunitárias, escolas públicas e o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL). Também estava definido que a circulação da Revista teria como local privilegiado a biblioteca (escolar e comunitária).

Com o passar dos anos, e mais precisamente a partir de 2021, passamos a integrar o Programa de Extensão “Bibliotecas comunitárias na UFPE e UFPE nas bibliotecas comunitárias”, e nesse ano também passamos a ampliar nossa parceria, com redes de bibliotecas públicas e escolares, como indica a lista de parceiros registrada em nosso expediente. Assim, agregamos novos autores, principalmente aqueles e aquelas que desempenham suas funções pedagógicas e culturais em bibliotecas. As bibliotecas públicas vinculadas ao Sistema de Bibliotecas Municipais de Pernambuco e as bibliotecas escolares das redes públicas municipais de Recife e Caruaru e da rede estadual de Pernambuco também se tornaram locais de distribuição e de acesso à Revista. Ampliamos, desse modo, o escopo das autorias e de recepção deste periódico.

Neste volume, contamos mais uma vez com a feliz parceria com Rodrigo Fischer, desta vez, além de ilustrador, também coautor. Neste ano, o tema proposto para as ilustrações da Revista reflete uma homenagem ao poeta Miró. Nas palavras de Rodrigo:

Miró da Muribeca, preto, pobre, periférico, se destacou como uma das vozes mais insurgentes e resistentes da poesia pernambucana atual. A força da poesia e da performance ao vivo de Miró me encantaram desde a primeira vez que assisti a ele, no Festival de Inverno de Garanhuns, em julho de 2009. Sua partida física, em 2022, me comoveu e moveu a produção das ilustrações para a Revista Literatura e Arte deste ano. Quis, através das imagens, tecer leituras da obra do poeta pernambucano. Tentei, sobretudo, trazer às ilustrações uma carga poética relegada, muitas vezes, às coxias da sociedade. Tento provocar nas imagens um Miró poeta-sujeito, marcado pela performance e lirismo suburbanos, por um eu-lírico-poético-político que emana versos de resistência e reexistência. Como observador das ruas das grandes cidades, o flaneur ou o vagabundo, Miró utilizou o seu maior artifício para compor a semântica de seu ser. Um ser coletivo, ressalto. Um poeta cronista. Numa dialética na qual corpo e cultura se interpenetram para compor a sintaxe de uma “língua”, vibrante, festiva, agressiva.

Essa potência vibrante e festiva da poética de Miró, traduzida nas ilustrações de Rodrigo, também se expressa de diferentes formas e intensidades, nos artigos, entrevistas, depoimentos e relatos de experiência que agora compartilhamos com nossos leitores. Assim, com a leitura dos artigos publicados, terão acesso a questionamentos acerca de como sair do desenho esquemático e da estereotopia no trabalho com Artes Visuais na escola. Serão convidados a olhar para a biblioteca comunitária a partir da simplicidade do que foi nomeado de “sujeito-biblioteca”. Embarcarão num trajeto que conduzirá a um “olhar cheio de metamorfoses”, através da análise da obra de André Neves. Revisitarão a biblioteca escolar, entendida como local de cultura e de produção de saberes, em texto escrito por três técnicos da Secretaria de Educação de Pernambuco.

Os depoimentos, por sua parte, também propõem aproximações com as bibliotecas, com destaques para as memórias afetivas e para a ação coletiva em espaços de partilha de livros e leituras. Os relatos de experiência nos apresentam vivências como as coordenadas por professoras que atuam na Rede de Bibliotecas do Coque; nos oferecem asas para aterrissar nos projetos desenvolvidos pela biblioteca pública municipal de

Fernando de Noronha; e nos aconchegam com sussurros poéticos vivenciados em bibliotecas escolares da rede estadual de Pernambuco.

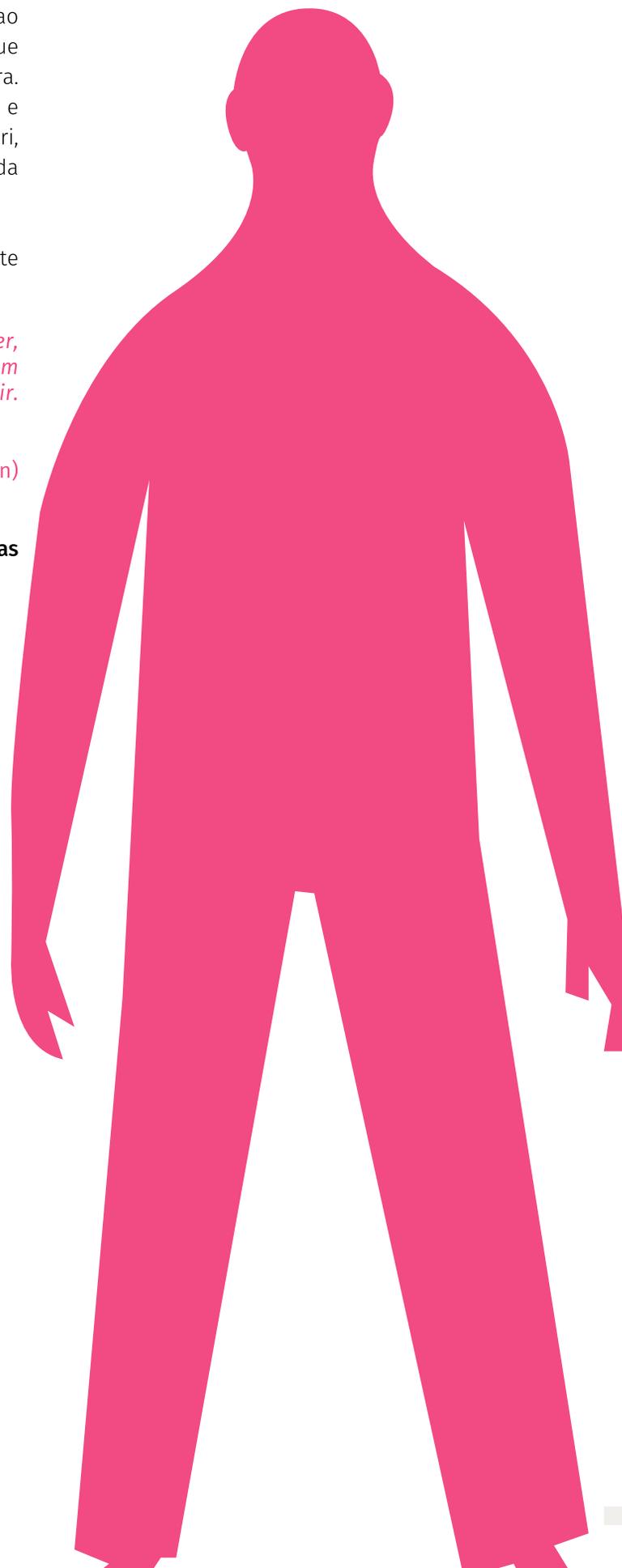
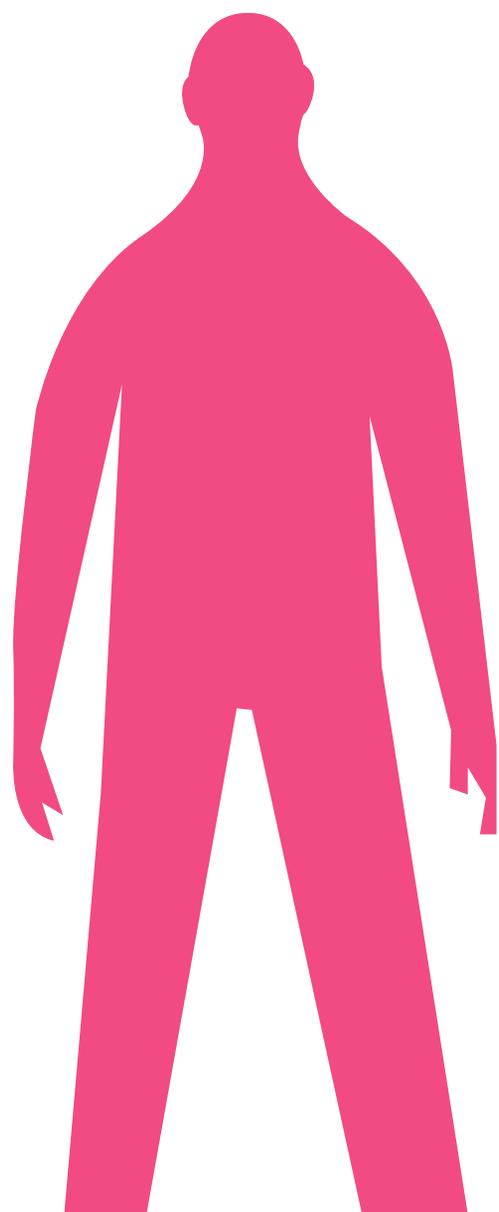
Seguimos com muita poesia, resenhas, sugestões de atividades, humor, lugares para visitar e, atendendo ao convite para “apurar o olhar”, em seções instigantes, que acendem luzes na nossa sensibilidade estética e leitora. Por fim, conhecemos um pouco mais sobre a história e trajetória da Biblioteca Comunitária Inês Fornari, localizada na Mangueira da Torre, a partir da recomendação de uma de suas coordenadoras.

Assim como Miró nos deu palavras para abrir este editorial, com ele encerramos:

*Agora já sei o que fazer,
vou me jogar pra dentro de mim
para aprender como sair.*

O céu é no 6º Andar. (Claranan)

As organizadoras



Artigos



Desenho esquemático e estereotipia, como sair disso?

Beatriz de Barros de Melo e Silva

Na última edição da **Revista Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização** – volume 6, escrevemos sobre possibilidades de vivências do desenho para estudantes nos primeiros anos do Ensino Fundamental, com a ideia de trazer novos caminhos para a emancipação de crianças a partir do movimento libertador de desenhar e fazer Arte. Nosso objetivo neste artigo é trazer novamente o tema, pois, como registramos, ainda temos muitos aspectos a tratar.

Assim, gostaríamos de refletir sobre caminhos para que os estudantes saiam do desenho e de símbolos repetitivos para um patamar de significação. São dois os aspectos que precisamos tocar ao tratar de desenho repetitivo: a estereotipia e a fase esquemática no desenho.

A palavra “estereotipia” vem da junção das palavras gregas *sterós* – que significa sólido, compacto, e *typos*, sinal, molde. Sua origem é a tipografia, e nesse universo era utilizada para fazer referência a obras impressas a partir de caracteres fixos, em chapas de metal. Houaiss e Villar (2004, p. 313) registram uma segunda acepção em verbete: estereótipo é “imagem preconcebida de alguém ou algo, baseado num modelo ou numa generalização”.

Desse modo, modelo e generalização é o que agora nos interessam. O que nos leva ao segundo aspecto citado, o esquema gráfico. Esse é o movimento que leva a criança dos primeiros anos do Ensino Fundamental à busca pelo que é compreensível, pelo traçado, aspecto que vem em exercício desde os 4 e 5 anos. Lowenfeld e Brittain (1977) registram que é um desejo de encontrar ordem, uma procura pela própria relação espacial – o estabelecimento de uma linha de base – fruto de seu desenvolvimento da percepção de objetos e do ambiente.

O desenho é o elemento gráfico da expressão do desenvolvimento. “Desenhar é conhecer, é apropriar-se” (DERDYK, 1989, p. 24). Quando esse desenvolvimento é saudável, os elementos registrados nos suportes, apesar de serem esquemas, são frutos do processo de cada um, ou seja, são particulares e específicos de cada criança. Por isso, podemos reconhecer o traço e a produção de nossos estudantes. É reflexo de cada pessoa, em seus fatores sociais, psicológicos, culturais, mas também é reverberação de estímulos, de vivências e experiências com as linguagens.

Quando a criança pode desenhar livre e constantemente, ela sairá bem dessa fase. Afirmamos isso com apoio nos estudos sobre o desenvolvimento gráfico infantil de autores como Luquet (1969), que dividem o desenvolvimento em estágios das aquisições cognitivas representadas no desenho.

Vigotski trata ainda de um tempo de “esfriamento”, de desapego pelo desenho, e registra: “Quando o desinteresse surge, a maioria das crianças deixa de desenhar para o resto da vida e os desenhos de um adulto, que não desenha regularmente, não são diferentes dos desenhos de crianças de 8-9 anos, idade em que o gosto pelo desenho esmoreceu” (VIGOTSKI, 2014, p. 95).

Sobre a autora

Professora de Artes Visuais aposentada do Colégio de Aplicação da UFPE. Membro do CEEL.

Muitas vezes, é no Ciclo de Alfabetização que os estímulos cessam. Talvez por conta de instituições bem-intencionadas não quererem “perder tempo” da criança com o desenho, pois há muitas tarefas a serem realizadas (e muitos livros), em vários componentes curriculares. Até se permite o desenhar, mas, como já ouvi dizer, com um sentido temático, ou seja, quando se tratar de representação apoio para compreensão de conteúdos de outros componentes curriculares a serem aprendidos.

Quando “esfria” a vontade da criança pelo desenho, geralmente ela vem com a aprovação e aquiescência do(a) professor(a), quando ambos aceitam que aquele desenho já está bom, já dá para entender, não se precisa perguntar ‘o que é isso?’. Então, por que continuar a se esforçar se o desenho já é aceito?

Ao apresentar de maneira insistente os desenhos estereotipados, a escola concorre para o desestímulo à possibilidade do desenhar como diálogo consigo mesmo, como apropriação de si. Onde e como? Na escolha do livro didático e dos materiais complementares, nos painéis feitos por professores(as), nos desenhos antes mimeografados, hoje “xerocados” ou retirados da internet, que chegam sem que se saiba o motivo, nas lembrancinhas das datas comemorativas, entre outros. Temos certeza de que não precisamos colocar aqui exemplos. Entregam-se esses desenhos às crianças e aos estudantes como “carinho”, como algo que os fará se sentir acolhidos, ou apenas como enfeites para se ter um ambiente mais alegre. Assim, as repetições das mesmas formas acabam por tornar o desenho esvaziado de significado.

Vianna (2012, não paginado) nos lembra:

Os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação da criança, inibem sua necessidade expressiva; embotam seus processos mentais, não permitem que desenvolvam naturalmente suas potencialidades. Estereotipar quer dizer então, simplificar, esquematizar, reduzir à expressão mais simples.

Assim, qual, de fato, tem sido o problema? De um lado, se fala sobre quão perniciosos podem ser os estereótipos; de outro, compreendemos a necessidade do esquema, por parte da criança, como uma fase de extrema importância, porém queremos que ela vivencie essa fase apenas como uma etapa, e não como o desenho final e para o resto da vida, como acontece com o desenho de muitos adultos, como já foi dito.

Sobre a mesma questão, perguntamos de outra maneira, e, talvez, agora, de forma mais adequada: Se não devemos alimentar o desenho estereotipado, então o que colocar em seu lugar? Como propiciar experiências significativas para que os estudantes ampliem suas percepções e, por conseguinte, suas produções?

Creemos que, antes de mais nada, devemos continuar insistindo, tentando convencer professores(as), coordenadores(as) e gestores(as) educacionais de quão prejudiciais podem ser essas imagens esvaziadas de significado para crianças. Devemos insistir em informar que escolas cheias de enfeites feitos por adultos também não vão abrir novas oportunidades nem reconhecimento do traço de cada estudante.

Para sair dessa via de mão única da repetição de desenhos esquemáticos e império da estereotipia, ainda acreditamos em formação continuada de professores(as), formação que vá além do estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, que são componentes de extrema importância, mas não dão conta da expressividade e da necessidade do diálogo que os aprendizes precisam para uma interação plena com e no mundo.

Formação de professores também a partir da compreensão da importância da aquisição das linguagens artísticas como caminho de ampliação de leitura de mundo, de produção de diferentes textos e da produção do entorno cultural. Formação de professores com vistas a proporcionar condições para que o ensino e a aprendizagem sejam percursos de criação, com a apresentação de novos caminhos e técnicas possíveis para o desenvolvimento de produção criadora.

Chegamos, enfim, ao conteúdo que nos é especialmente caro: a criatividade no ambiente escolar. Em 2002, Martínez escreveu um trabalho para uma revista com o seguinte título: “A criatividade na escola: três direções” (MARTÍNEZ, 2002). Nesse trabalho, ela registra que sem estas três direções pouco se pode fazer pelo desenvolvimento da criatividade na escola: a criatividade do aluno; a criatividade do(a) professor(a) e a criatividade na escola como organização. Cito aqui o trabalho de Martínez (2002) não para aprofundar essas dimensões, porém para compreendermos que o desenvolver da criatividade é movimento de extrema complexidade e exige dos atores e instituições envolvidos convencimento, motivação e uma boa vontade.

Em 2007, Ângela Virgolim organizou um livro intitulado “Talento Criativo. Expressão em múltiplos contextos” (VIRGOLIM, 2007). Essas duas publicações citadas dialogam, têm aspectos em comum. Nesta última, Fleith (2007) escreveu um capítulo que tem como título “A promoção da criatividade no contexto escolar”, que traz alguns aspectos ricos para a nossa reflexão. Sendo assim, vamos utilizá-lo como referência para as nossas ponderações finais, pois a autora trata das três direções indicadas por Martinez (2002).

Em relação à implementação da criatividade, Fleith destaca que psicólogos e educadores têm clareza da importância do papel da escola no exercício e desenvolvimento das habilidades criativas. Compreendem que não se conseguirão avanços para isso isolando o estudante de suas próprias referências e de seu contexto social, cultural e histórico. Nesse conjunto de discussões, chama a nossa atenção sobre:

[...] a necessidade de a escola criar condições para a emergência da produtividade criativa, o que envolve a solução de problemas do mundo real, a participação dos alunos na escolha dos problemas a serem estudados, o uso de metodologia adequada para investigação desses problemas e a elaboração de produtos originais. O que se espera, então, é que a escola promova oportunidades de desenvolvimento de habilidades, estratégias e produtos criativos, evitando dar ênfase à memorização dos fatos, ao dogmatismo de ideias, ao conformismo e à passividade (FLEITH, 2007, p. 143).

Espera-se ainda, que seja estimulada a fantasia e um simbolizar a experiência vivida, diferentemente do que se tem visto nas escolas, na ênfase da reprodução de conhecimentos, na escassa exploração da imaginação. Observa-se ainda a “pouca utilização dos sentidos para estimulação das habilidades criativas. A expressão verbal tem sido extremamente valorizada quando comparada à não verbal” (FLEITH, 2007, p. 148).

O professor(a) é de extrema importância nesses processos. Ele contribui imensamente para a “promoção da produtividade criativa”, tendo papel essencial, quando:

é mais flexível, estabelece uma relação positiva com seus alunos, estimula o questionamento em sala de aula, apresenta senso de humor, [...] compartilha experiências pessoais relacionadas ao conteúdo ministrado e apresenta informações significativas, atualizadas e conectadas entre si. (FLEITH, 2007, p. 152)

A autora apresenta ainda várias técnicas e exercícios que têm como objetivo propiciar ao estudante a produção de conhecimento, em vez da repetição e reprodução de informações. E conclui defendendo a urgente “revisão de

estratégias pedagógicas, do papel do professor e da estrutura curricular para atender às necessidades cognitivas e afetivas dos alunos” (FLEITH, 2007, p. 154).

Essa revisão pode, sim, nos levar a sair da repetição de desenhos esquemáticos e da estereotopia, como reflexo de uma compreensão pedagógica, à medida que tenha como foco o desenvolvimento da imaginação e da criatividade em todos os seus aspectos, indo muito além da originalidade.

Um dos desafios da educação tem sido o de propiciar oportunidades para a emancipação do ser humano, que passa pela possibilidade de efetivar sua expressividade a partir de sua compreensão do entorno, refletindo sobre ele, e interferindo criadoramente nele e no mundo. Assim, defendemos, como Freire (1997), uma emancipação como percurso de libertação humana, cultural, social, a partir da problematização e reflexão crítica da realidade, movimento que um(a) educador(a) comprometido(a) pode proporcionar aos estudantes, com vistas à ampliação da percepção, da imaginação e da autonomia de cada pessoa.

Referências

- DERDYK, Edite. **Formas de pensar o desenho**. Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- FLEITH, D. S. **A promoção da criatividade no contexto escolar**. In: VIRGOLIM, A. (Org.). **Talento criativo: expressão em múltiplos contextos** Brasília: Editora da UnB, 2007, pp.145-157.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** – saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- LUQUET, Georges-Henri. **O desenho infantil**. Barcelona: Porto Civilização, 1969.
- MARTÍNEZ, Albertina Mitjans. **A criatividade na escola: três direções**. Revista Linhas Críticas, v.8, nº 15, jul/dez 2002, Brasília, DF.
- VIANNA, Maria Letícia Rauen. **Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? Sala de Leitura**. Artigos. Publicado em 03.12.2012. Disponível em: <https://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69343>. Acesso em 15.05.2023.
- VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2014.
- VIRGOLIM, A. M. R. (Org.). **Talento Criativo. Expressão em múltiplos contextos**. Brasília: Editora da UnB, 2007.

Por uma vida derivante: escutar e permitir o simples nas bibliotecas comunitárias

Renan Moura de Freitas
Maria de Fatima da Conceição Dutra

Há quem tente colocar ordem em tudo. Numa atividade incansável, tenta diagramar todos os deslizes e projetar em tabelas bem estruturadas os meios para que o erro não aconteça. Por aí, existem diversos especialistas em planejamentos, de uma vontade de conjugar um apelo instrumental a tudo que fazem. Essa arte de diagramar mesmo os afetos e o sabor do inesperado convive com as frustrações típicas, muitas vezes fatalmente enunciadas em clichês do tipo “na prática, a teoria é outra”, muito comum em escolas, hospitais, empresas, associações, quartéis etc. Deixando um pouco de lado os planos dessas instituições formais, é possível escorregar dos tentáculos dessa racionalidade moderna e permitir um ruído espalhafatoso causado pela convocação do simples em bibliotecas comunitárias (BC)?

Essa simplicidade da qual falamos não significa algo de pouca complexidade, fácil execução ou qualquer coisa banal. Ela é preenchida por um movimento de expansão da vida, como numa floresta-sonho dos Yanomamis (KOPENAWA; ALBERT, 2015), com a livre possibilidade de reconstrução e imaginação. Um sentido cuidadoso com o mundo vivo, uma permissão sem precedentes à alteridade. É como dar um abraço acolhedor no vazio, sem aderir aos encadeamentos do utilitarismo, algo que instaura esse encanto com os atos-vontades-movimentos que fazem a vida numa biblioteca comunitária – uma ação que é afetada pelo desejo de estar numa relação talvez indissociável entre o sujeito e esse espaço de existência. A simplicidade que defendemos é dessa natureza, por um desses sujeitos pela potência dos atos, ações, enunciados, movimentos, encontros – esse misterioso gosto de receber o encontro sem esperar “resultados produtivos”, a afeição de encontrar-se – desde a mão que desliza pelas páginas dos livros até o mergulho em sonhos por outros mundos possíveis.

De igual modo, isso também não significa que existe uma “essência” das coisas nas relações permeadas pelos sujeitos-bibliotecas. Muito menos denota uma redução a uma certa narrativa ufanista que banaliza qualquer coisa. De forma pouco pretensiosa, falamos de uma predisposição fundamental: criar a chance de viver à deriva de um mundo saturado por um tempo presente doloroso, violento e triste – ainda que seja por um súbito momento durante uma tarde numa biblioteca comunitária, gerando algo como uma linha de fuga que vibra com o sonho de uma vida melhor.

A floresta-sonho é uma relação indissociável das suas cosmovisões, onde se evocam múltiplas vozes, mitos e sentidos. Para Limulja (2019, p. 125), “na floresta yanomami, a voz do poeta também encontra seu eco; aqui todos são feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos”; “na floresta yanomami, a coisa mais bem distribuída é o sonho e não o bom senso, como diria Descartes” (p. 148).

Uma BC que cria rachaduras no tempo com a potência da simplicidade coloca em evidência sua força em defesa de um mundo menos injusto. Diante de uma realidade perversa, recentemente atravessada por um período pandêmico e conduzida por uma política de esfacelamento dos grupos populares, onde se criam mecanismos de “subjugação da vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2018, p. 71), os lugares de encontros para sonhos podem ser tidos como heterotópicos, ou seja, são esses “outros lugares, sendo uma espécie de contestação do espaço que vivemos simultaneamente mítica e real do espaço onde vivemos” (FOUCAULT, 2013, p. 116). As bibliotecas comunitárias se insurgem contra um projeto de sociedade que não as quer ali, levantando redes de sustentação sob um céu que cada vez mais parece esmagar sua existência. Geralmente situadas em espaços periféricos, elas fazem existir e resistir suas heterotopias, buscando discontinuidades diante de uma sociedade que é gestada para garantir mecanismos de exclusão, consumo desenfreado e precariedade.

A ideia de simplicidade explicitada por nós igualmente não é de ordem assistencialista e de certo suprimento de carências. O simples é como uma

Sobre os autores

Renan Moura de Freitas - Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Maria de Fátima da Conceição Dutra - Mestre e doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco.

insurgência do estilo (DELEUZE, 1992): uma punhalada na norma, naquilo que afasta gente de gente e silencia os sambas da desobediência. Esse estilo escreve linhas de enunciação que desejam a fruição e a multiplicidade. Exatamente por isso, o estilo do simples é, inerentemente, um processo político (DELEUZE, 1992) – o qual busca movimentar a vida de quem se permite enrolar pelas paixões de um coletivo –, estando, portanto, muito mais ligado à esfera da política, da ética e das formas de vida do que a uma compreensão aligeirada do simples. A delicada ação de fazer o simples numa biblioteca comunitária é como ecoar os fluxos de uma vitalidade paciente e sutil – tudo isso com o estilo impetuoso dos que tocam e sentem, o estilo dos caçadores de histórias, o estilo de não aceitarem a morte programada das bibliotecas pelas agendas de políticas hegemônicas.

O simples, pois, exige a não banalização das trocas de olhares, dos passos, abraços, das leituras e conversas corriqueiras. Pelo contrário, demanda estar apto a uma ética do estilo como performance que cria suas ressonâncias a partir dessas paixões pelos acontecimentos que ocorrem mesmo nos pedaços de vida mais desprezíveis dos sujeitos-bibliotecas. Mas, se existe um estilo numa biblioteca comunitária, sem dúvida é o charme da escuta e a elegância de poder estar com sujeitos derivantes – derivar para escutar e permitir o simples sem os encerramentos comuns dos sujeitos-palavra-ordem, nas suas insistências em delimitar, aconselhar e instruir para o “certo”. O estilo dos derivantes, pois, cadencia os ventos inesperados, permite a simplicidade do mistério e consegue tornar seu próprio corpo uma invenção improvável, rearranjado a cada segundo. Por isso, tentar controlar o desejo de uma criança estar e viver numa biblioteca comunitária é como instituir uma restrição da fruição dos sonhos.

Permitir e ouvir o simples é deslocar a delicadeza no ritmo de uma música que toca para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2020). É como criar uma escada imaginária que salva as vidas do chão frio do abismo. Igualmente, é uma ação que cria uma rede de proteção à violência do pensamento acelerado e utilitarista, um refúgio aos destroços de uma realidade dolorida, quando a própria dor é passível de ser objeto de consumo. Permitir e ouvir o simples, numa biblioteca comunitária, é como uma expansão da vida de si a partir do outro – como um alargamento do corpo no sentido mágico das florestas. Esse corpo-árvore-sentido evita as raízes que criam feridas ao toque, ao diálogo, ao encontro. Daí, então, surge a potência do simples para densificar as formas de vida e as resistências populares. Para isso acontecer, é

preciso, antes de tudo, desacomodar a compreensão maniqueísta entre gente e natureza, como se fossem antagônicas, com o primeiro sempre em defesa do direito de exploração e amputação do segundo. Em segundo lugar, igualmente é necessária uma sensibilidade de si para os efeitos mágicos do afeto, carinho e da acolhida sincera – uma abertura ética à expansão do corpo e seu reconhecimento enquanto sujeito-biblioteca constituído por outros corpos e pela ininteligibilidade da ontologia ritualística da floresta.

Permitir o simples é não constranger os desejos de quem resolve ter a astúcia de adentrar uma biblioteca comunitária para correr, brincar, cheirar, diferir-se do mundo lá fora, contar e amar. Permitir e escutar o simples é um ato de amor com a alteridade que atravessa esse espaço de resistência aos dias tristes – uma quebra na temporalidade frenética das ruas, com um toque de esperança. É por isso que o simples se deita muito mais na improvisação da vida, nesse pedaço do céu onde o que importa é se doar ao acontecimento da existência, do que no colchão duro dos esquemas meticulosos de controle do tempo, dos passos e das falas. Por isso, é necessário a leveza de ser e estar numa BC, ao tempo que ela se torna sua própria casa, como nos revela um usuário:

Eu penso muito que a biblioteca seja a sala da minha casa, que as pessoas fiquem à vontade e que venham. O sonho da gente – meu sonho também – é ter sofá disponível para a pessoa, sentar e ler. Às vezes eu passo por algumas bibliotecas que têm umas cadeiras penduradas pelo teto, fica assim bem aconchegante. Esses lugares assim vão permitir os leitores e as crianças ficarem mais confortáveis (PEREIRA, 2023).

As bibliotecas comunitárias não estão na ordem de uma formalidade moderna, nem correspondem aos projetos disciplinares de instituições normativas. A teia aqui se desenrola pelas bordas do mundo, criando tessituras de fuga e sobrevivência à crueldade proveniente da gestão da precariedade humana – abrindo o passado e o futuro como possibilidades, ainda que nesses apertados suspiros de sustentação da vida. Sonhar em proporcionar um conforto melhor a quem chega, sem dúvidas, oferece mais ar ao peito já amordaçado pela falta do simples na vida cotidiana.

A força da respiração dos sujeitos-biblioteca também não parece ser uma luta secundária. Uma vez interpelados pela potência do simples, um ponto gravitacional emite os sons do coração, que os chamam de volta, ainda que tenham feito andanças mundo afora. Uma vez aberto, o carinho pela expansão

do mundo nunca abandona quem escolhe se constituir de biblioteca comunitária – é o encanto, nunca abandonado, de receber quem chega, como podemos ver no seguinte depoimento:

Eu estava em um outro coletivo ano passado e saí do coletivo para dar exclusividade para a biblioteca. Posso até pensar naquelas ações que eu fiz lá no coletivo, mas pensando como biblioteca. Então tem isso de você estar totalmente integrado como biblioteca (PEREIRA, 2023).

Ser sujeito-biblioteca, esse deságue indissociável, é diferente de ser assujeitado pela dinâmica interna de uma BC. A linha é tênue: muitas vezes, a quantidade de tarefas existentes nas bibliotecas pode tensionar a corda para transformar os sujeitos em objetos-biblioteca. É por isso que a valentia do simples é um imperativo ético na arte de construir encontros alegres. É ele que rearranja as poéticas de existência do sujeito em torno da permissão e da escuta como condição de liberdade para si.

Viver à deriva das coisas que objetificam os sujeitos é o tom que defendemos para o simples – como um pequeno salto para pular abismos, como a sutileza de olhar outros olhos e perceber neles a expectativa de ser acolhido, como o movimento de um corpo que põe uma almofada colorida no chão – para ver se ali algo muda, algo acalma, algo repousa e pousa a imaginação em outros mundos. Não é fácil fazer o simples, mas ele pode começar pelo amor, como testemunhou alguém:

“a biblioteca é meu segundo amor, segundo e terceiro” (PEREIRA, 2023).

Agora que a viagem pelos mares começou, a deriva inclui a busca pela intensificação das nossas existências a partir das experiências de fruição de vida dos espaços populares. Um emborrachado no chão, gente para contar história e um café: fazer memórias com os fios da escuta e da permissão. Assim, podemos desembarcar na Semana do Conto de Histórias na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães, como mostra a fotografia:



Dentre as diversas poéticas que permeiam a sala do conto, o enunciado “Leitura é se envolver em aventuras, contos e fantasias” simboliza o jeito de ser de uma biblioteca comunitária. Esse encontro atravessa momentos brincantes e lúdicos e, sobretudo, de viagens imaginárias e lugares impossíveis que se tornam a matéria para os pensamentos, as danças, os movimentos e os desejos pulsantes. É o sorriso da criança que, longe da escassez de tudo – pelo menos durante uma suspensão momentânea –, se sente acolhida pelo tempo na simplicidade de gotejar uma chuva de passarinhos na pintura com as suas mãos. A disposição de uma simples almofada é um gesto de acalanto e de tanto cuidado que só quem tem o amor por uma biblioteca comunitária vai pensar em considerar que nem tudo está perdido no tempo. Deixem as crianças viverem o encanto dos seus desejos, o cheiro da chuva e do pertencimento. Deixem vivas as nossas bibliotecas comunitárias.

Trechos de entrevista realizada com Reginaldo Pereira, administrador da Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, 2013, p. 113-122.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (Pya Ú - Toototopi)**. Tese de Doutorado. PPGAS, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- PEREIRA, Reginaldo. Entrevista concedida aos autores. Recife, 2 mar. 2023.

Um olhar cheio de metamorfoses – palavra e imagem em André Neves

Rodrigo Luiz Castelo Branco Fischer Vieira

“(…) É que por enquanto a metamorfose de mim em mim mesma não faz nenhum sentido. É uma metamorfose em que perco tudo o que eu tinha, e o que eu tinha era eu – só tenho o que sou. E agora o que sou? Sou: estar de pé diante de um susto. Sou: o que vi (…)”

Clarice Lispector

Não é de hoje que a dinâmica entre literatura e imagem ocupa lugar nas discussões literárias, de arte ou de estética. Schollhammer, na introdução de *Além do visível*, destaca o fascínio que a literatura contemporânea tem pela imagem, quando a escrita insistentemente se refere ao visual na fotografia, no cinema, na televisão e “cria sua própria visualidade em contato e disputa com a realidade visível” (Schollhammer, 2007, p. 7).

Por vivermos sob a égide da “civilização da imagem”, diariamente somos bombardeados por uma proliferação de imagens elaboradas, providas e sustentadas entre si na reciprocidade das redes midiáticas, da imprensa, do cinema, da publicidade e da televisão, mas, apesar das observações e cautelas no que se refere às consequências negativas admissíveis que a difusão de imagens pode acarretar à nossa percepção da realidade histórica (SCHOLLHAMMER, 2007), não podemos entender essa relação de modo defensivo. Endosso as palavras de Schollhammer, ao afirmar que

é preciso analisar mais de perto a relação histórica entre a cultura letrada e o paradigma visual, característica da atual etapa da modernidade, para evitar o risco de isolar a ‘tradição do livro’ das potencialidades que a exploração estética da imagem pode suscitar. (SCHOLLHAMMER, 2007, p. 7)

Eu, assim como Eco – que não conta com o fim do livro – acredito que este sobreviverá à crescente popularidade dos meios visuais (CARRIÈRE, 2010).

O fato é que a literatura para crianças é pioneira nessa interação entre palavra e imagem. O livro ilustrado atual, apesar de ser um formato relativamente novo – talvez desde que o ilustrador britânico Randolph Caldecott tonificou suas narrativas com ilustrações, há mais de 130 anos – vem se consolidando como uma forma de expressão cativante desde a primeira página. É nessa seara que o escritor e ilustrador pernambucano André Neves transita com talento e originalidade.

Nascido em Recife, André é escritor e ilustrador, e se dedica também à produção de livros para crianças e formação de leitores. Ele possui como marca, na escrita e na produção de imagens, uma sensibilidade e uma poeticidade que encantam de pequenos a grandes leitores, manipulando com destreza as linhas divisórias entre o texto como representação visual e a imagem como um elemento pictórico. Para construir significados, os leitores de André são desafiados a preencher lacunas entre palavras e imagens, desafio esse não exclusivo na obra dele, é óbvio, mas inerente a autores e autoras de livros e ilustradores que propõem a seus leitores a criação de “textos particulares” ou, como Anne Rowe classifica, de “vozes desligadas”. Na obra de André, textos, imagens e leitores são narradores de suas histórias. A esse respeito, trago a interessante definição de Salisbury e Styles (2013):

Na maioria dos casos as ilustrações funcionam como um acampamento visual para as palavras, uma inspiração ou auxílio para a imaginação com o objetivo de enriquecer a experiência leitora. Porém, no caso dos livros ilustrados, as palavras e as imagens se completam, para dar um significado geral à obra; nem as palavras, nem as imagens, quando usadas isoladamente, fazem algum sentido. (p. 89)

Sobre o autor

Membro do CEEL, ilustrador e doutorando em Literatura e Interculturalidade pela UEPB.

Os autores prosseguem comparando a dualidade dessa dinâmica com uma dança, em que palavra e imagem ora se flertam, ora se contradizem.

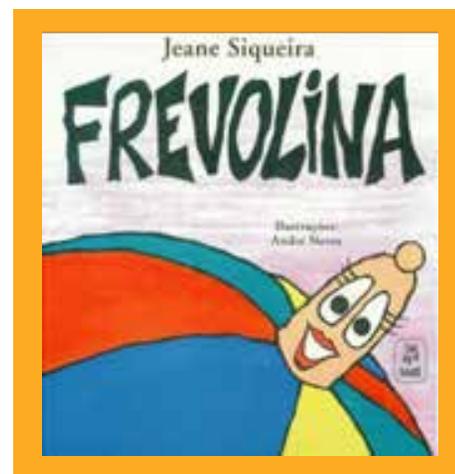
Apesar da inserção de imagens no nosso cotidiano, vivemos, de viés, em um mundo de “analfabetos visuais”, que até são capazes de reconhecer e identificar objetos e ações, mas possuem impasses diante de elementos fundamentais, como padrões básicos, variações de cor, tom, linhas, formas e volumes, e da percepção de conexões de ritmo, proporção, contraste e semelhança, equilíbrio etc. A esse respeito, vale trazer Camargo (2006), que afirma:

Tal como a leitura da palavra depende do conhecimento de mundo e do conhecimento linguístico, a leitura da imagem também depende do conhecimento de mundo e do conhecimento da linguagem visual. Isso significa que não basta somente ver, é preciso aprender a ver. (p. 13)

Estaríamos desaprendendo a ver? Diante da imagem, como afirma Didi-Huberman (2013), mesmo de um objeto concreto, como uma boneca, um carretel, um cubo ou um lençol, nós enfrentamos um objeto *agido*, ritmicamente *agido*. O filósofo francês declara que “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha” (p. 29). Nesse sentido, ver é um movimento ativo, dinâmico, o instante de ver é como um despertar.

O livro ilustrado, ao friccionar palavra e imagem, propõe, também, uma educação do olhar, tornando-nos capazes de reconhecer além do exposto, do meramente exposto, incluindo em nossa bagagem visual o sensível e o estético. As imagens que formam nosso mundo não são apenas presenças vazias, como diz magistralmente Alberto Manguel, em *Lendo imagens* (MANGUEL, 2001). Elas são “a matéria de que somos feitos” (p. 21).

Em sua jornada como artista, André Neves também desafiou seus olhares. Desde sua primeira publicação até os lançamentos mais recentes, percebemos um autor (escritor e ilustrador) que enfrenta seus limites. Em *Frevolina* (SIQUEIRA, 2010), (Figura 1), de Jeane Siqueira, obra lançada em 1998 pela Editora Bagaço, André compõe uma ilustração marcada por soluções fáceis e até ingênuas.



Capa de *Frevolina*, de Jeane Siqueira e ilustrações de André Neves, 1998. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Já em *Seca e Mestre Vitalino* (Figura 2), ambas de 2000, editadas pela Editora Paulinas, André desafia o leitor pela ausência de palavras e o leva a lançar hipóteses interpretativas advindas da suspensão do olhar.

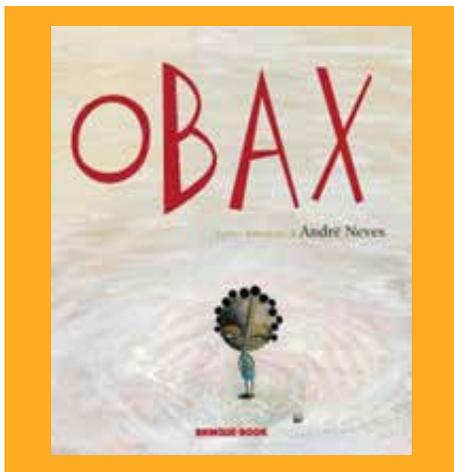


Capa de *Mestre Vitalino*, de André Neves, 2000. Fonte: Acervo do autor.

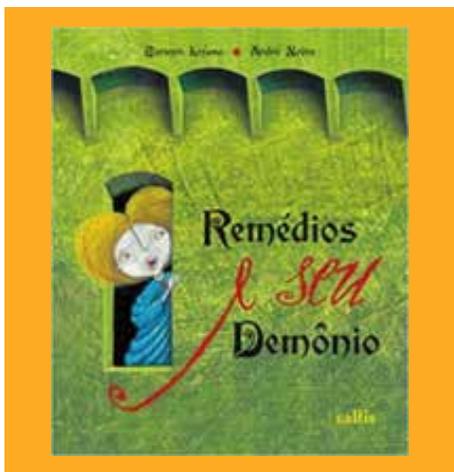
Ao longo de sua trajetória, André, ao mesmo tempo em que se metamorfoseou enquanto artista, também buscou subverter sua criação, produzindo imagens que expandem os modelos tradicionais ou mesmo os contradizem. Quanto a sua formação, André declara:

Sou parte de um grupo que aprendeu a ilustrar sem formação, e dentro de parque gráfico em pleno desenvolvimento. Minha geração trabalhou com erros e acertos em períodos de mutações constantes. Aprendemos a olhar os mais experientes e ler as poucas teorias que havia sobre o assunto. Felizmente a profissão ganhou asas. (NEVES, 2013, n.p.)

Não caberia, no curto espaço deste texto, acompanhar de lés a lés a obra de André Neves. Mas no ano de 2010, o artista pernambucano lançou duas obras que, a meu ver, fortaleceram uma fase em que Neves propõe formas de sensibilidade e de imaginação genuínas. São livros em que o leitor é surpreendido e desarticulado pelo impacto, tanto da leitura quanto da sequência de imagens. São elas: *Obax* (NEVES, 2010a) e *Remédios e seu demônio* (NEVES, 2010) (Figura 3).



Capa de *Obax*, de André Neves, 2010.
Fonte: acervo do autor.



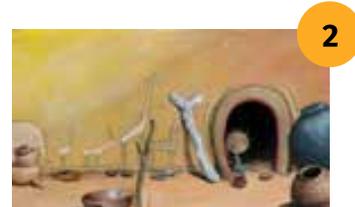
Capa de *Remédios e seu Demônio*, de André Neves, 2010.
Fonte: acervo do autor.

Da primeira obra, já a morfologia da personagem principal, Obax, nos chama a atenção. Neves produz uma imagem que se distancia das formas, dos volumes e texturas consagradas ou atribuídas a um belo elitista. Obax estimula o leitor a redirecionar olhares e entendimentos de mundo. Destacam-se, dessa morfologia, os narizes, que se tornariam uma marca registrada do artista, que declara:

O recorte no nariz utilizo em alguns livros. Às vezes papéis coloridos, às vezes texto, palavras, sempre da literatura, porque é desse ar que eu respiro. (NEVES, 2013, n.p.)

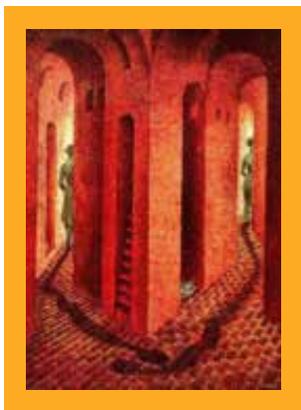
Em *Obax*, destaco também em sua narrativa a jornada da heroína, que encheria um Campbell (2007) de orgulho. Seguindo a lógica da jornada, elenco abaixo o passo a passo dessa pequena heroína africana em busca de uma chuva de flores:

- 1- mundo comum: isolada das outras crianças da aldeia por acreditar em chuva de flores;
- 2- chamada à aventura: Obax deixa a segurança da aldeia por sentir-se rejeitada e para provar sua crença;
- 3- encontro com um mentor ou ajuda sobrenatural: Nafisa, elefante perdido e solitário, guiará Obax em sua jornada;
- 4- travessia: estradas de areia, montanhas, rios, mares, aldeias e outras cidades;
- 5- provação suprema: chuva de todos os tipos, menos de flores;
- 6- nova rejeição: Obax descobre que Nafisa é uma pedra e pedra não é elefante;
- 7- ressurreição: Obax enterra a pedra; a pedra enterrada se metamorfoseia em árvore-elefante (baobá);
- 8- retorno com o elixir: finalmente uma chuva de flores.



André reinventa uma África impregnada de seu olhar enquanto artista em movimento. A narrativa poética aliada a imagens de beleza ímpar, fazem de Obax uma conjunção feliz entre o real e o imaginário.

Remédios e seu demônio, por sua vez, seria uma declaração da influência que a pintora espanhola Remedios Varo exerceu em sua obra. Além da morfologia, notam-se o uso de cores mais quentes e uma tendência ao surrealismo. Neves, assim como Varo, explora espaços oníricos em suas imagens e gera uma narrativa que encanta e intriga leitores mais atentos.



Remedios Varo, Farewell, 1958.



André Neves, 2010.



Remedios Varo, Caravan, 1958.



André Neves, 2010.

A obra de Neves segue nessa travessia em que ora imagens provocam palavras, ora palavras provocam imagens. Ainda a respeito do poder que o livro ilustrado pode exercer não somente em crianças, mas no público em geral, vale trazer o também escritor e ilustrador Odilon Moraes:

O picture book é um celeiro de paradoxos, texto que é imagem, imagem que é texto. Pode promover o encontro entre gerações, entre fantasia e realidade, entre a visão da criança e a visão do adulto, entre espaço e tempo. No picture book é possível trabalhar essas ambiguidades.
(MORAES, 2014, p. 31)

O também artista Renato Moriconi sinaliza que o livro ilustrado é por natureza polifônico, ou seja, carrega em sua essência uma multiplicidade de vozes que, harmonizadas, conduzem leitores a diversas possibilidades de leitura. Moraes prossegue:

A imagem não reproduz mais a palavra, não é mais apoio para o leitor que está aprendendo a ler, a imagem está contando uma coisa e o texto outra, o adulto está acostumado a pensar que imagem é redundância, está acostumado a renegar a imagem e, quando ele percebe que a imagem não está contando o que a palavra está falando, é despertado para prestar atenção na imagem. A criança, por sua vez, está acostumada a ler imagem e assim aprende a ler palavras.
(MORAES, 2014, p. 31)

A leitura do livro ilustrado atua em duas vertentes: a criança, quando lê ou quando um adulto lê para ela, descobre a palavra-imagem; o adulto, por sua vez, redescobre-a. O livro ilustrado promove, assim, um encontro: fantasia e realidade se mesclam em duas narrativas paralelas.

André e seu olhar cheio de metamorfoses seguem enfrentando, estimulando, contestando formas tradicionais de ver; seguem produzindo uma obra em que a única constância é o movimento.

Referências

CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**/ Jean-Claude Carrière, Umberto Eco; tradução de André Telles. – Rio de Janeiro: Record, 2010.

CAMARGO, Luis. A imagem. Material didático entregue no minicurso "O livro para crianças: onde o visual e o verbal se mesclam", parte do evento paralelo ao 5º Traçando Histórias. Porto Alegre, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Odilon. Entrevista com Odilon Moraes – Isabella Lotufo. In: LITERARTES, n.3, 2014.

NEVES, André. **Obax**. São Paulo: Brinque Book, 2010a.

NEVES, André. **Remédios e seu demônio**. São Paulo: Callis, 2010b.

NEVES, André. Texto disponível em: <http://compartilhandolivroseleituras.blogspot.com/2013/06/i-deias-simples-podem-se-tornar-grandes.html>. Acesso em 04/05/2023

SALISBURY, Martin e STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado**: a arte da narrativa visual. São Paulo: Rosari, 2013.

SCOLLHAMMER, Karl Erik. **Além do visível**: o olhar da literatura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

SIQUEIRA, Jeane. **Frevolina**. Ilustrações de André Neves. Recife: Editora Bagaço, 2010.

Biblioteca escolar: locus de cultura através do mundo da literatura na produção de saberes

Mizia Batista de Lima Silveira ¹

Nhelma Magda Barbalho de Santana Barbosa ²

Wendell Batista dos Santos ³

Orlandi (2012) aponta para uma polissemia na noção de “leitura”: pode ser compreendida como (1) “atribuição de sentidos”; (2) “concepção” (ou: “leitura de mundo”); (3) “construção de aparato teórico e metodológico” (na academia); e, por fim, na esfera da escolaridade, (4) “alfabetização (aprender a ler e escrever) e [...] pode adquirir então o caráter de estrita aprendizagem formal.” (ORLANDI, 2012, pp. 7-8)

Freire (2011) compreende “leitura” como um conjunto de processos que se iniciam na leitura de mundo, se sistematiza na escola e constrói um contínuo de saberes e conhecimentos que perduram e se expandem pelo resto da vida do indivíduo. Desse modo, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, defende o autor. Portanto, o conhecimento de mundo é elemento fundamental na interpretação das palavras de um texto e Freire (2011) chama esse duplo fenômeno de “leitura da palavramundo”, visão que se encontra, em alguma medida, com as noções (1), (2) e (4) apresentadas por Orlandi (2012).

A literatura sempre teve um caráter formativo, pois cria redes de informações que moldam os pensamentos e ideias dos leitores. No passado, a literatura era utilizada pelas elites como veículo de valores para administrar até mesmo o pensamento social. O conceito de literatura é passível de juízos de valor, o que explica por que a literatura popular não era valorizada no passado (EAGLETON, 2019). Hoje, a literatura assume outros papéis na formação leitora, como a literatura de denúncia social e a disseminação cultural. Novos gêneros e temáticas, como negritude, feminismo, identidade de gênero, anti[fascismo], política, meio ambiente e sustentabilidade, por exemplo, estão surgindo cada vez mais.

Cosson (2020, p. 34), um dos pioneiros na proposta do letramento literário no final dos anos 1990, em entrevista cedida a Ester Rosa e Reginaldo Pereira, exorta que “mais que um direito, [...] a literatura está em todo lugar porque ela é constituidora do humano, logo não há como ser humano sem passar por alguma experiência com a linguagem literária”. Portanto, a escola, como parte da sociedade, reproduz e amplia os saberes produzidos; e a biblioteca escolar é um laboratório privilegiado para a expansão do conhecimento.

Sobre os autores

Autora 1: Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Americana (UA). Analista em Gestão Educacional da equipe técnica da UEPLL/GEPAF/SEE-PE).

Autora 2: Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Americana (UA). Formadora da equipe técnica da Gerência da Educação do Campo na Secretaria da Educação de Pernambuco. Poetisa e escritora.

Autor 3: Especialista em Metodologia da Tradução da Língua Inglesa pela UNIFAFIRE.

Nesse conjunto de concepções, é importante ressaltar o leitor como agente da construção dos sentidos de um texto, uma vez que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele” (KOCH, 2020), porque cada leitor tomará como referência as suas leituras anteriores para a compreensão leitora no presente. Essa concepção também é defendida por Kleiman (1997, p. 65), quando afirma: “[...] o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto”. Assim, na sala de aula ou na biblioteca, é comum o(a) professor(a) ou o(a) bibliotecário(a) testemunhar a mesma obra ser lida sob diversas perspectivas por leitores diferentes, pois cada leitor atribui ao texto literário os próprios saberes e experiências anteriores para a compreensão da obra.

Tais noções estabelecem conexões com os documentos oficiais para a educação, visto que posicionam o estudante como agente ativo no laboratório escolar, desde a LDB 9.394/96, Art. 26 §2 (BRASIL, 1996), que elenca a leitura, as artes visuais, a dança, a música e o teatro como componentes curriculares obrigatórios, entre outros. Posteriormente, os PCN (BRASIL; MEC, 2000) reforçam a importância da leitura para a formação do estudante. Mais recentemente, a BNCC, em suas orientações para o Ensino Médio, prioriza cinco campos de atuação a serem contemplados pela área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias, dentre elas o campo artístico-literário. (BRASIL, 2017, vide p. 489).

A educação escolar deve ir além de um componente curricular e se manifestar interdisciplinarmente, incluindo a biblioteca. O objetivo é formar uma sociedade capaz de fazer a leitura da “palavramundo” proposta por Freire (2011). Algumas bibliotecas escolares são apenas consultadas, enquanto outras escolas não têm bibliotecas ou espaços de leitura, pois esses espaços são substituídos por salas de aula. Silveira et al. (2022, p. 47) apontam que:

a biblioteca escolar deve ser um espaço que favoreça a criatividade e, conseqüentemente, desenvolva práticas inovadoras que contribuam significativamente no processo educativo/formativo dos estudantes, sem perder de vista a diversidade de nossa cultura e suas manifestações intelectuais e artísticas.

O Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar apresenta vários objetivos, dentre eles os que possibilitam a produção de saberes: “oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento” (IFLA; UNESCO, 2002, p. 2). Aqui, o sentido da palavra “produção” nos remete à ideia de produção de saberes guiada pelo(a) bibliotecário(a) escolar.

Biblioteca escolar: desafio poético

Para estimular o interesse do jovem pela literatura, a Gerência Regional de Educação (GRE) Metropolitana Sul, através da Coordenação Geral de Desenvolvimento e Educação (CGDE), lançou a primeira edição do projeto Biblioteca escolar: desafio poético. O projeto aconteceu de abril a setembro de 2020 e recebeu mais de 180 poemas autorais de estudantes das 95 escolas dessa GRE. O projeto visava despertar novas formas de expressão nos alunos e promover um novo olhar para a poesia popular. Além disso, incentivava a leitura e a melhoria das habilidades de escrita e oralidade.

O projeto permitiu que estudantes se expressassem e fossem solidários uns com os outros através da poesia, utilizando procedimentos pedagógicos como reuniões remotas e cartazes de divulgação. A dinâmica envolveu a participação da gerência, de equipes gestoras, professores(as), coordenadores(as) de bibliotecas e alunos, com a análise dos resultados sendo qualitativa e observando os princípios da Educação Básica previstos pela LDB 9.394/96 e pelas competências da BNCC.

A escola deve promover a formação de bons leitores, utilizando a riqueza da língua oral e escrita para desenvolver habilidades na sala de aula. São inúmeros os gêneros orais que fazem parte do cotidiano do estudante, tanto dentro como fora do universo escolar, tendo em vista os textos circulantes próprios de sua região. É nesse processo de construção que cabe, portanto, estruturar e combinar a oferta da diversidade textual com as boas estratégias de leitura para o fomentar da base de construção de bons leitores.

Ao falar da literatura como forma de expressão emocional, enfatizamos a poesia como recurso fundamental para a compreensão leitora, melhoria da oralidade e escrita dos estudantes. “A literatura, principalmente a poesia, tem a força de criar uma ligação com o sentimento humano que propicia a expansão da vida afetiva pelo mágico poder de realizar a fusão da alma humana com a alma do mundo.” (IVAS; FELDMAN, 1998, p. 28). A poesia é um ato mágico presente em todas as gerações, seduzindo e exercendo poder de imaginação. Destaca-se pela forma da fantasia escrita em todos os sentidos.

A estudante Laura Cardeal, participante do projeto, declara: “Poesia é um conforto, é sentimento. Toda forma de poesia, cantada ou sendo declamada, é uma forma de demonstrar o que sente. Fiquei honrada

em participar desse projeto. É preciso ter um pouco de esperança, e trazer essa esperança através da poesia é maravilhoso.” Como resultado, alguns cordéis de temas diversos foram produzidos e socializados através de recitação. O Quadro 1, abaixo, mostra alguns excertos dos cordéis produzidos.

Excertos de alguns cordéis produzidos

Cordel	Dados autorais
<p>Um vírus nasceu na China Cresceu como forte vento Causando tal pandemia Trazendo muito tormento És vírus como ladrão Atroz por mandamento</p> <p><i>Trecho do cordel “Pandemia da covid-19”</i></p>	<p>Autoria: Daiane Vitória Lucena Chagas Escola: Timbi Profa. orientadora: Veronica Gonçalves Teobaldo Coord. da biblioteca: Maria Isabel da Silva</p>
<p>Como sabemos, a covid-19 Transformou o social Agora o uso de máscaras É hábito essencial Trouxe até novas palavras Inclusive “lockdown”</p> <p><i>Trecho do cordel “O estranho novo normal”</i></p>	<p>Autoria: Graziella Silva de Oliveira Escola: EREM Francisco de Paula Corrêa de Araújo Coord. da biblioteca e profa. orientadora: Gisele Pereira da Silva</p>
<p>Difícil falar sobre Esse nosso professor Um cabra arretado E muito acolhedor Ensina com alegria E nos trata com amor</p> <p><i>Trecho do cordel “Professor João”</i></p>	<p>Autoria: Kayllanne Maria Pereira de Souza Escola: Vale das Pedreiras Profa. orientadora: Lady Anne Firmino Coord. da biblioteca: Edson Batista dos Santos</p>

Textos do projeto Biblioteca escolar: desafio poético (2020)
Fonte: Textos do projeto Biblioteca escolar: desafio poético (2020)

Os resultados deste projeto destacam o papel crucial da biblioteca escolar na formação dos alunos durante e após a pandemia. No Quadro 2, a seguir, estão o card de divulgação do projeto e registro da sua culminância.





Em vista dos resultados alcançados, atualmente o projeto abrange todas as 16 gerências regionais da Secretaria de Educação de Pernambuco e passou a ser chamado *Festival de Cordéis*, por causa do notável interesse que os participantes demonstraram pelo gênero cordel.

O “poema”, forma de expressão poética tantas vezes colocada distante da realidade dos alunos (inclusive, por ser compreendida como gênero literário de difícil compreensão e produção), manifesta-se nesse projeto como nova forma de expressar e transmitir sentimentos, emoções e pensamentos. O poema surge, então, por meio dos versos do cordel, gênero literário fortemente disseminado no Nordeste brasileiro, como suporte de enfrentamento às questões socioemocionais intensificadas pela pandemia de Covid-19.

Em síntese, a biblioteca escolar é fundamental para promover o letramento literário e teve papel relevante para amenizar os impactos da pandemia, tornando o ofício educacional mais produtivo e em sintonia com as necessidades socioeducacionais dos alunos. Projetos como o que apresentamos aqui buscam democratizar o acesso à literatura e tornar os alunos protagonistas de suas experiências de vida. O sucesso desse projeto permitiu sua expansão para toda a rede de ensino do Estado de Pernambuco, evidenciando a importância da literatura como um direito universal.

Nosso relato busca incentivar o letramento literário e a produção escrita literária, para democratizar o acesso à literatura. A biblioteca escolar e o letramento literário são destacados como importantes na formação dos estudantes. A literatura de cordel é valorizada como uma forma de expressão emocional e disseminação de saberes, enquanto a biblioteca escolar é revelada como um espaço importante de dimensão cultural.

Referências

BRASIL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):** Parte II – Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB 9.394/96).** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 23 mai. 2022.

COSSON, Rildo. Rildo Cosson: **“A literatura está em todo lugar porque ela é constituidora do humano...”** [Entrevista cedida a Ester Rosa e Reginaldo Pereira] *Literatura & arte no ciclo da alfabetização*, ano 4, n. 4, p. 35, 2020.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura:** uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IFLA; UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar.** Tradução: Neusa Dias de Macedo. São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://archive.ifla.org/vii/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

IVAS, Cida; FELDMAN, Márcia. Visibilidade: chove na fantasia. In: **Salto para o futuro:** reflexões sobre a educação no próximo milênio. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998, p. 23-32.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto:** construção dos sentidos. In: KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2020, pp. 25-30.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVEIRA, Mizia Batista de Lima; SANTOS, Maria do Carmo Cintra S. dos; PONTES, Salmo Sostenes; FERREIRA, Maria Liliam Padilha; ALENCAR, Nympha Muniz de. *Biblioteca escolar: lócus de educação, cultura, criatividade e inovação. Literatura & arte no ciclo da alfabetização*, vol. 06, Recife-PE: Editora CEPE, 2022.

Entre vistas



Rinaldo Silva

Entrevista por
Beatriz de Barros

RLA - Quando e como você iniciou sua trajetória como artista visual e como foi sua formação inicial nessa área?

Rinaldo - Em 1982 participei da minha primeira exposição coletiva na Galeria Patrimony, no bairro da Boa Vista, Recife, iniciando a minha trajetória. A partir deste momento, os salões de artes no Estado e no território nacional passam a ser meus objetivos. Aproximei-me dos artistas locais, na oficina de gravuras GUAIANASES, em Olinda (no Mercado da Ribeira), e no Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco, onde me graduei em Licenciatura em Artes – habilitação em Artes Visuais.

RLA - Quando e como você iniciou sua trajetória como formador de professores em Arte?

Rinaldo - Na década de 80, transitei entre a criação de obras de arte e o pensamento sobre os processos de criação. Concluí minha formação e entrei para o funcionalismo público como professor, ministrando aulas em Nova Descoberta (Escola Estadual Álvaro Lins). Logo, fui chamado para integrar a equipe pedagógica do Departamento de Artes e Cultura, o DEAC, na Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC). O objetivo do DAEC era o de capacitar professores nas linguagens artísticas e fomentar a cultura.

RLA - Que relação você estabelece entre essas suas duas atividades?

Rinaldo - As artes visuais são um encontro dessas duas atividades, produzir e ensinar. Nelas está a base intelectual, cognitiva, o conteúdo do ensino e da aprendizagem. É a linguagem em que me expresso e transito, tanto para pensar a minha produção quanto para discutir como podemos refletir sobre caminhos de ensino da linguagem. O poder de transformação da matéria, as possibilidades do fazer e ordenar produções conduzem meu pensamento a elaborar métodos e soluções na linguagem visual. A partir daí, investigo toda a minha produção artística à luz do conhecimento em arte-educação. Parto da minha experiência de aprendizado para teorizar e organizar possibilidades para a reflexão sobre as práticas de arte, e esse movimento ganha uma dimensão maior e criativa, tanto para mim, como artista professor, quanto para os estudantes professores da Educação Básica.



Rinaldo Silva

Artista Plástico e formador de professores na linguagem de Artes Visuais.

Graduado em Licenciatura em Artes Plásticas pela UFPE, tem em seu currículo várias exposições coletivas desde 1982 e individuais, desde 1984.

Recebeu vários prêmios, entre eles o da FUNARTE.

Expôs seus trabalhos no Brasil e em outros países como Itália, França, México, Equador e recentemente na Alemanha.

RLA - Quais suas principais referências no campo das Artes Plásticas?

Rinaldo - As regionais: Mestre Vitalino, J Borges, Abelardo da Hora, Cícero Dias, Samico, Lula Cardoso Ayres, João Câmara, Francisco Brennand, Luciano Pinheiro...
As nacionais: Iberê Camargo, Portinari, Di Cavalcanti...
As internacionais: Mirô, Chagal, Picasso...
As imagens dos trabalhos desses artistas surgiram fascinantes no meu olhar e assim brotou também a curiosidade no fazer: Como foi pintado este quadro (que eu gostaria de ter feito!)? Qual o suporte? Como foi preparado esse suporte? Que tinta foi usada? Como foram utilizados os instrumentos? Que símbolos foram exaltados?

RLA - Quais suas principais referências teóricas no campo do ensino das Artes?

Rinaldo - Ana Mae Barbosa, Fayga Ostrower, Paulo Freire. Esses autores são a minha estrutura teórica. A partir deles pude exercer o autoconhecimento em meu tempo e espaço físico. Através de obras artísticas pude fazer analogias entre a história da arte e minha história de homem nordestino brasileiro. A aproximação com a universidade desses teóricos, por meio de encontros e debates, os livros e exemplos de artistas locais junto aos universais me capacitaram a fazer analogias entre ARTE e EDUCAÇÃO.

RLA - Qual a importância do ensino de Artes Visuais para a formação dos estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no Ciclo de Alfabetização?

Rinaldo - Através do ensino de Arte, as crianças percebem o mundo ao seu redor, percebem o tempo e o espaço, identificam os materiais e suas potencialidades; elaboram discursos, aprimoram a comunicação consigo mesmas e com as outras crianças; estudam a história das artes como linguagem humana. A identificação dos elementos básicos da linguagem visual propicia a elaboração de uma percepção espaço/tempo, aliada ao aprimoramento do estado perceptivo do ser. Aprender arte amplia essa habilidade perceptivo-motora. O gesto traduzido em rabisco expande a capacidade expressiva. Esses resultados simbólicos se traduzem a partir do fazer em soluções e criações práticas, com valores artísticos humanos. O processo criador estimula conhecimentos subjetivos, como harmonia, equilíbrio, beleza, relativos à cultura dos sujeitos que os vivenciam.

RLA - Como deveria ser a formação de professores de Artes Visuais para o ensino na Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental?

Rinaldo - Deve conter os princípios norteadores da Arte e da Educação; percorrer a história da Arte, identificando elementos contemporâneos artísticos, experimentando a multiplicidade do fazer e elaborando e reelaborando o processo criador. Deve focar na compreensão de ser o ensino de Arte um encontro com o tempo e espaço, de que a Arte é domínio da matéria e a interpretação de sua forma. Deve se pautar pelo exercício da capacidade de ler e interpretar as manifestações artísticas e pensar numa arte-educação como processo de construção constante. Necessita que o professor passe pelos movimentos de apreciar, de praticar e de reconhecer os caminhos da Arte.

RLA - Que sugestões você deixaria para uma professora ou um professor em relação à preparação de suas aulas de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Rinaldo - Ter suas aulas conceituadas nos pilares da arte-educação. Os conteúdos das aulas devem ser trabalhados com o tempo da aula, propiciando o conhecimento através do domínio didático entre o teórico e o prático. Ou seja, dividir o tempo/hora-aula em terços ou quartos de hora-aula para ser possível minutar o conteúdo programático entre a exposição teórica e o fazer artístico. A compreensão desse processo com início, meio e fim é de extrema importância para aqueles que estão a transformar a matéria em expressão artística. Investigar atentamente as reações e os comportamentos dos alunos nas atividades, perceber todas as aptidões e dificuldades cognitivas e motoras dos/das alunos/as. Criar condições de avaliação conceitual das habilidades e dificuldades expressivas. Mensurar através de trabalhos práticos uma alfabetização estética e cultural dos/das discentes.



Professor Rinaldo - Trabalhando gravura
Formação de professores da Educação Infantil - Camaragibe

Roma Julia

Histórias do meu povo

Entrevista por
Marta Diniz

RLA - Como surgiu o projeto Histórias do meu povo?

Roma Julia - Toda vez que escuto uma história sinto que estou florescendo. Estava de luto por ter perdido minha mãe e senti que contar as histórias das minhas ancestrais seria uma forma de honrar a memória de Dona Leonarda. Em 2015, iniciei uma pesquisa sobre as narrativas de lavadeiras, para lembrar da minha avó Dudu. Depois, fui para os contos indígenas, para lembrar da minha tia Lizu. As narrações africanas e afro-brasileiras foram para lembrar de minha e fortalecer a minha identidade. Assim, reuni algumas dessas memórias e iniciei uma longa jornada com o espetáculo de narrações Histórias do meu povo. O público era convidado a celebrar as memórias dos ancestrais, ao som de muitas músicas dos folguedos populares pernambucanos. O principal objetivo foi contribuir para o fortalecimento da identidade de crianças das periferias. Após a circulação do espetáculo, percebi que eu queria contribuir mais. Porém, apenas encontros pontuais com as crianças negras não garantia uma reflexão profunda sobre suas identidades. A partir dessa inquietação, criei, em 2016, o Projeto Histórias do meu povo: oficina de contação para crianças, com duração de seis meses, e quatro horas semanais. O principal objetivo dessa formação é aproximar as crianças do universo dos livros e das leituras afrocentradas. Como produto final dessa formação, os indivíduos construíram um livro – uma coletânea de histórias autorais. A proposta foi aplicada no Centro Comunitário Vivendo e Aprendendo (CCVA), situado no bairro Celeiro das Alegrias Futuras, no município de Camaragibe - PE. Essa etapa do Projeto teve apoio do SESC Ler, de São Lourenço da Mata - PE. Em 2017, recebi o convite da minha grande amiga Eliz Galvão para aplicar a oficina nas cinco RPAS de Camaragibe, dessa vez, com foco nos Patrimônios Materiais e Imateriais da região. Com o incentivo do Fundo Cultura (FUNCULTURA), foram criadas mais de 250 histórias. Destas, 131 estão recolhidas no livro Histórias do meu povo Camará. No ano de 2018, o Projeto Histórias do meu povo (Edição: Pontos de Cultura, produzido pela Liga Empreendimento Criativa) circulou pelas cidades de Camaragibe, Nazaré da Mata, Passira e Petrolina. Para tal, foram entrevistados 46 mestres e mestras de tradição oral, pessoas idosas que aprenderam seus ofícios e repassam seus fazeres através da oralidade, a exemplo de bordadeiras, repentistas e contadores de histórias. Toda essa experiência pode ser conferida na revista Histórias do meu povo. Entre 2017 e 2018, essa metodologia também foi desenvolvida nos Quilombos de Caluê e Castainho, em Garanhuns - PE, com o apoio do educador popular Chiquinho Assis e da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE).



Roma Julia

Descendente de trabalhadores rurais e pequenos comerciantes do interior de Pernambuco, foi aluna de diversos projetos de desenvolvimento social, dentre eles: Escola Aberta e Animação Cultural. Mulher preta, de origem periférica, seguiu sua trajetória acadêmica na Pedagogia, com foco em gestão e equidade. Desde 2009, conta histórias e desenvolve atividades de leitura e letramento nas comunidades e áreas rurais. Como filosofia de vida, busca desenvolver de maneira compartilhada o conhecimento sobre as memórias da população periférica.

Contatos:
www.romajulia.com.br
romajuliahistorias@gmail.com

Foto: Kenji Nakamura



Espectáculo de Contação
Foto: Elisângela Freitas

RLA - Como as oficinas foram desenvolvidas?

Roma Julia - No decorrer da oficina, estabeleci como eixos do Projeto os seguintes itens: I) Quem sou? II) Quem são meus ancestrais? III) Minha comunidade é assim. IV) Estatuto das crianças e adolescentes/Literatura, direito humano. V) Eu sou contador de histórias. Todos os itens são pautados na educação popular, ou seja, na educação como prática para a liberdade. As crianças passaram a ter espaço para emitir opiniões e críticas no decorrer do Projeto. São previstos, no plano de aula, momentos de rodas com música popular, cirandas, cocos de rodas, loas de capoeira, entre outras canções populares. O registro escrito ou por desenhos é fundamental para acompanhar o desenvolvimento dos participantes. Identifiquei que as crianças com contato com avós carregavam memórias familiares surpreendentes. Vejamos um depoimento:

Meu avô veio de um povo indígena: Bacurau Caeté. Há muito tempo meu avô pertencia ao povo Bacurau Caeté. Ele e seus amigos Tonho, Ontom e Fernando foram os únicos sobreviventes de lá do povo deles. As cabanas eram assim que lá se chamava, as cabanas de palhas, cama de vara e madeiras. (História de Matheus Vitor, 10 anos, morador de Jardim Primavera).

As crianças do bairro Celeiro das Alegrias Futuras fizeram denúncias sociais sobre suas comunidades: “Minha comunidade é assim: lixo, buraco e até carrapato. Faltam médicos, professor e até nebulizador. Falta segurança e tudo vira lembrança.” Outros relatos mostram a ligação do território com os folguedos populares e as religiões de matriz africana, como podemos ver a seguir:

Antigamente tinha uma linha de trem que levava pessoas e mercadorias. Hoje ela tem o apelido de Linha e lá tem muitas moradias. Hoje as casas são bem apertadinhas e são de tijolo e lá mora meu avô Tuca. Ele tem um grupo de caboclinho e descendo a ladeira tem um terreiro de outra religião que é de Dona Bel. (História de Evellyn, 11 anos, moradora de Jardim Primavera).

O Projeto dialoga diretamente com os aspectos da construção cidadã e da emancipação política das crianças, no que tange a seus direitos. O objetivo dessa pauta é construir uma relação direta da criança com seus direitos legais estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente, essencialmente no que abrange o trabalho infantil nas pequenas áreas de agropecuária e lavoura no município de Camaragibe e outras regiões de Pernambuco. A Literatura como direito humano está pautada na discussão defendida pelo sociólogo Antonio Candido.

No eixo, Eu sou contador de histórias, que é um título, não há espaço para o certo ou errado. É uma “fresta” (RUFINO, 1987) para a nutrição de novas possibilidades na consciência da negritude durante a infância. Perceba, partimos do questionamento de “quem eu sou?” para a afirmação “eu sou contador de histórias”! As crianças são livres para olhar para seu percurso formativo e decidir quais histórias vão compor seu livro. No decorrer do Projeto, a criança é protagonista de sua trajetória, mas é aqui o ápice do seu poder de decisão.

Vamos contemplar a história a seguir, escolhida por Jefferson, de 9 anos, morador do bairro Santana, para compor o livro:

Sou negro porque meu cabelo, porque ele é escuro, também pelo meu batido nariz, porque minha cor, porque quando olho no espelho eu me sinto negro.

Embora expostos resultados favoráveis a curto prazo para a construção da identidade, ainda busco evidências que apontem em quais aspectos a contação de histórias contribui na formação dos participantes desse Projeto.



Oficina
Foto: Menina dos Olhos

RLA - Como se dá a relação do Projeto com as escolas de Camaragibe?

Roma Julia - Na edição de 2017, ampliamos o Projeto para todas as RPAS de Camaragibe e 99% dos estudantes eram das escolas municipais da cidade. Três escolas sediaram a nossa oficina: Escola Municipal São José, em Vera Cruz, e a Escola Paulo Freire, em Aldeia de Baixo. Em Tabatinga, a oficina foi desenvolvida na Igreja Presbiteriana, porque já havia um projeto social de recuperação das aprendizagens. Realizamos também um mapeamento das bibliotecas escolares do município. Essas pesquisas envolveram as escolas municipais, estaduais e particulares. Na ocasião, tivemos um retrato de que a maioria das bibliotecas estavam sendo usadas como depósitos de livros. Em outras escolas nem existia um espaço de leitura estruturado.

RLA - A partir das experiências, como você chegou à publicação dos livros?

Roma Julia - O livro surgiu com o propósito de registrar a memória das crianças e adolescentes envolvidos na oficina. Durante as aulas, busquei incentivar os participantes [convencendo-os] de que suas histórias, as histórias de suas famílias e comunidades mereciam ser registradas. Recentemente dialoguei com Thiago Rafael, que participou da oficina desde a primeira edição, e lhe fiz a seguinte pergunta: O que mais te marcou no projeto **Histórias do meu povo**? A resposta foi um bálsamo para minha alma. Ele respondeu:

Admito que fiquei bastante ansioso e feliz em saber que uma produção minha seria publicada em um livro com outras produções de vários adolescentes, e agora vejo como foi algo bom e acolhedor, porque tivemos nossas histórias ouvidas, respeitadas, vistas e contadas. Percebo que ali realmente podíamos nos expressar e que éramos abraçados pelos amigos, professores e convidados.

Apesar de sempre ouvir que os livros são importantes, parte da população periférica sequer têm consciência de que podem ser autores de suas memórias.

RLA - De que forma foram realizadas a divulgação e a distribuição das publicações?

Roma Julia - Na maioria das edições da oficina tínhamos pouquíssimos recursos, por isso optamos por fazer livros cantoneiros. Deixávamos cerca de cinco cópias na biblioteca das instituições onde o Projeto estava sendo realizado. A divulgação era feita entre os participantes e suas famílias, com pequenas cerimônias de lançamento. Em 2017 e 2018, com o apoio do FUNCULTURA, a Eliz cuidou da contratação do designer e de uma gráfica para imprimir a coletânea de histórias. Foi um grande desafio. Até aquele momento eu não tinha experiência com o mercado editorial. O lançamento da edição de 2017 foi realizado no Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro. Cada participante ganhou um exemplar do livro, deixamos a obra em cada local em que realizamos o Projeto, na biblioteca de Camaragibe e entregamos parte à FUNDARPE.

RLA - Quais as suas perspectivas neste momento com relação ao Projeto?

Roma Julia - Daqui para frente, penso em entrevistar os antigos participantes do Projeto. São oito anos de trajetória do Histórias do meu povo, por isso quero saber se existe algum fragmento das sementes que foram plantadas ao longo dessa jornada. Sou fruto da educação popular e percebo que um dos desafios dos educadores populares é o registro da memória da prática pedagógica. Reconheço os avanços que tivemos com relação à produção acadêmica, mas sinto falta da ampla distribuição de trilhas pedagógicas práticas produzidas por educadores populares. Precisamos registrar nossas práticas pedagógicas para perceber avanços e pontos de atenção. Refletir sobre a prática é de suma importância para nutrir a educação libertadora. Observe o que Thiago Rafael diz, oito anos depois da sua primeira participação no Projeto:

Foi uma experiência incrível e acolhedora, porque lá eu consegui fazer novos amigos, compartilhar vivências e culturas, aprender mais sobre a vida de uma maneira diferente, entender a cultura de onde vivo e o porquê que tudo é assim como é. Por mais que eu tenha participado do Projeto por mais ou menos 3 anos, tudo era uma experiência nova e divertida, porque eram várias dinâmicas, pessoas diferentes, histórias e vivências de pessoas diferentes, que mudaram a minha maneira de pensar e de como deveria agir. O que mais me marcou foi ter minhas histórias ouvidas, respeitadas, ter sido respeitado, abraçado, acolhido, ter aprendido mais sobre quem eu sou, por que eu sou, entendido a nossa cultura e compartilhado vivências.

Relatos como esse fortalecem toda a comunidade que participou das oficinas. Precisamos mapear essas experiências, porque são evidências de práticas de uma educação com foco no protagonismo do participante. O intuito é ouvir os participantes para promover e fortalecer o esperançar.



Poesia

Domingo

Noite

Adriano Dias de Andrade

Penumbras da noite
Varrem o asfalto
Nesta hora
Esquecem o medo
Que, frio, mete a cara
No pesar dos sonhos
Da aurora

Penumbras da noite
Estalam os dedos
Nesta hora
Na sangria do desejo
Que, denso, escorre
Pela fragilidade do corpo
Que devora

Penumbras da noite
Acendem cedo
Nesta hora
A chama do tempo
Que, voraz, passeia a pele
Marcada pelos ponteiros
De outrora.

(Recife, 10 de março de 2016.)

Adriano Dias de Andrade

Para Janete Dias

Saudade
Da bênção de mãe
- na chegada
Do abraço apertado
Do beijo no rosto
E da despedida

Saudade
Da espera
- na frente de casa
Dos desabafos
Ao pé do ouvido
E da presença

Saudade
Do almoço tardio
- frango assado e risoto
Meus favoritos
Da cozinha apertada
E do encontro

Saudade
Da sabedoria
- de uma vida severa
Do amor incontestado
Que para mim fluía
De Janete

(Recife, 24 de abril de 2022.)

Sobre o autor

Arquitetura. Arte. Cinema. Design. Língua(gens). Literatura. Lugares. Música. Perfume. Pets. Tudo isso me interessa e me motiva. Tudo isso é estopim para construção de sentidos e vivências. Tudo isso são pontos no mapa da minha paisagem interna. Sou nascido e criado em Recife, Pernambuco, mas tenho o sentimento do mundo entre as mãos. Sou professor, pesquisador, editor, revisor e, mais recentemente, estudante de Arquitetura e Urbanismo. Mas, principalmente, sou um contínuo aprendiz da vida e do tempo.



Felicidade

Telma Ferraz Leal

(Para Felícia, minha avó, porto seguro)

Ela foi meu primeiro amparo no mundo
Do ventre materno aos braços dela
Foi o amparo na cidade grande
Do sertão ao litoral, caí nos braços dela
Foi abrigo seguro

Com as mãos de roça de algodão
Também costurou sonhos encantados
E fabricou versos e sabores

Entre balas de hortelã, agrião, chás de ervas
E matos de quintal
Ela surgia com rosas vermelhas

Entre bolinhos de feijão
Bolo de caco, pamonhas e canjicas
Ela surgia com bonecas de milho

Ela foi transporte para a vida
E entre missas e rezas
Abria atalhos para o samba

Ela foi valente
Foi a guerreira que se fez escudo
E do fundo da alma me ordenou a
enfrentar a vida
E assim ela se fez espelho

Rindo, ela zombou da fome, da opressão,
da miséria
E foi mestra da alegria
Felícia, felicidade, felicidade

Sobre a autora

Sou filha de Gilvanete Ferraz Silva;
neta de Felícia Freitas Ferraz.
Bastaria isso para ser eu no
mundo, mas muitos outros
amores me fizeram amar a vida!
Sou professora, pesquisadora,
mãe e amante do mar!



O caminho do desejo

Rosália Santos

O Desejo não tem que ser uma tarefa, uma perseguição,
Esse modo de pensar já não serve mais não,
Gera um sofrimento danado!
Isso acontece porque eles estão mal posicionados...
Você o Sujeito e /ou objeto?
Como você se vê?!

O Desejo anela o passado, o presente e o futuro!
Eles não estão a nossa frente,
Mas nas nossas costas,
Começam lá atrás ao nascer, a vida desejante...
Não se esgota, até para perecer,
Se faz as idas e voltas...

O Desejo é uma órbita elíptica...
Que vem, deseja e demanda,
Em um sistema de espiral,
Formando estruturas, redes, trocas...
Posiciona você no Mundo...
O equilibrar é mais profundo...

O desejo, hoje, deu lugar aos prazeres imediatos...
Ao gozo, ao seguro e confortável,
Que por muitas vezes se torna repetitivo,
Monótono, desagradável...
Se há Desejo haverá conflito...
Volto ao “conforto ao seguro” e finjo e não reflito!

Muitas vezes, se fica desorientada...
Por estar atendendo mais demandas ...
Do que ao seu próprio desejo,
Com o tempo vem adoecimento e muito mais...
Por não encontrar entendimento interno entre,
O que se pensa e o que se faz...

O desejo em si,
Traz várias perguntas...De onde vim?
Quem Eu sou?
E para onde vou?
Minha história, desejante ...
Logo, demandante sou...
Todos os desejos se polarizam,
Com o Desejo Maior ...
A história dos seus desejos, que foram desejados...
Que não se resume em várias, mas em única história!
Que você ao Saber, entende as etapas do seu Desejo,
As parcerias, marcas, caminhos e trajetórias...

O desejo “casa” com o discurso!?
Por onde ele passa, engaja!?
Ele é Palavras, Saber(es)...

Trabalho, Gozo, estrada...,
Amor, troca...
O que se quer na/da Jornada?

A Vida passa rápido, não se deixe para depois ...
No que desejou...não deixe para percebê-lo,
Por meio da perda, engano, do erro ou da dor...!
Não dá para esperar...você pode aprender...
Com que até aqui passou e conquistou...
E ainda ser a melhor versão do que sonhou, desejou...

Desejo dialética mente realizado,
Que serão parte de um todo,
Que ora se completa, se parte e completa...
Refletindo ...transformando, agindo...
Na busca de realizar, os antigos,
E os novos desejos surgindo...

O Desejo se faz perguntas sempre,
A cada novo ciclo...
Mas também quer respostas!
Dormindo ou acordados...
A realizar...ou não!
Cada dia é ...um recomeço...uma lição...

Todos os dias são,
Uma nova oportunidade...
De Viver, Amar... Perdoar...
Agradecer...Onde você estiver...
Continuará a Desejar ...e a demandar...
Mesmo após transcender!

Sobre a autora

Nascida em Recife-PE- Brasil.
Atualmente sou professora mediadora de leitura.
Professora Regente do Ciclo Fundamental I, psicopedagoga, já fui Coordenadora Pedagógica e Técnica Pedagógica da Educação Infantil, todas as funções na Prefeitura da Cidade do Recife.
Sou apaixonada pelas Artes, em especial a poesia, como forma de ressignificar a vida, a minha vida e a vida das outras pessoas, oportunizando refletir sobre o sentir e transformar-se dentro da Arte do Viver!



Literatura e sonhos por uma biblioteca comunitária dos sem-teto

Maria de Fatima da Conceição Dutra
Ana Luiza de Souza e Silva
Isis Thayzi Silva de Sousa

O sonho é algo bonito de se ter
A luta é a realidade do querer
A sobrevivência é passível de ser transformada
Movida pela revolta e a omissão dilacerada

Podem os Sem-teto ter o direito de sonhar?
Nas trincheiras da vida, nas voltas que o mundo dá
Uma biblioteca, uma casa, um cantinho e um lar
Desejando a literatura e a dignidade de ser e estar

Ter um livro na mão e a literatura no coração
É o desejo de um Sem-teto que luta sem omissão
Para ter um mundo melhor com ousadia e
precaução
Vivendo a nossa vida com muita limitação

A biblioteca comunitária é um sonho com afeto
É a simplicidade do reconstruir o imaginário direito
De ter acesso a literatura de um mundo menos
injusto
Próximo de um céu insolúvel e menos perfeito

É neste lugar que o Sem-teto deve estar
Pois é com a dignidade que podem atravessar
O mundo mágico da floresta que a imaginação pode
levar
A lugares impossíveis da matéria do sonhar

É do desejo pulsante que nasce uma biblioteca
É da escassez da força que ela se prolifera
Buscando literatura, o livro e a leitura
Como um sonho que nunca se encerra

Sobre as autoras



Maria de Fatima da Conceição Dutra
Pedagoga, doutoranda em Educação e militante do MTST-PE. Acredita que a biblioteca comunitária é um cantinho onde podem ser construídos muitos sonhos.

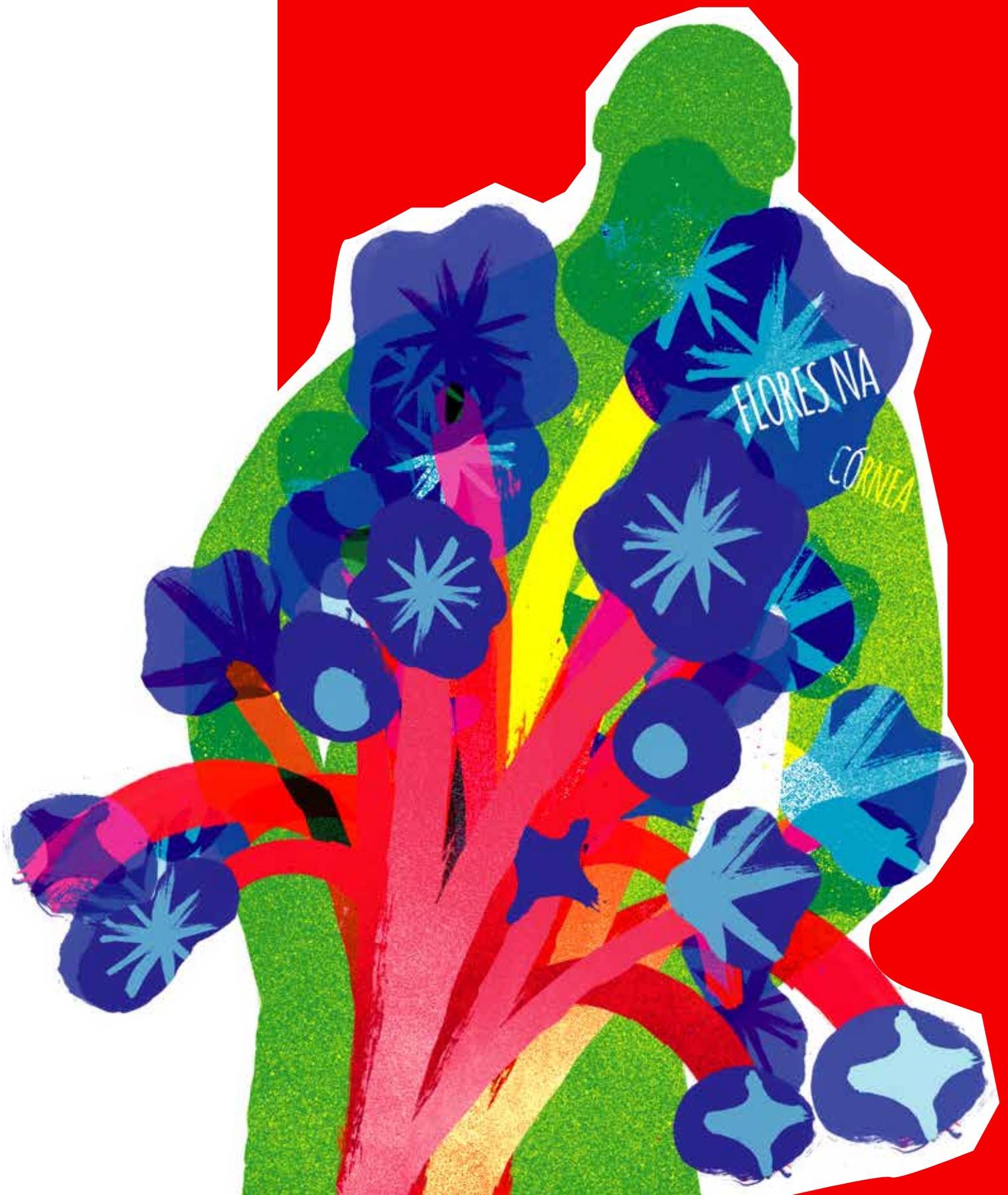


Ana Luiza de Souza e Silva
Bibliotecária com especialização em museus e identidades, mãe solo de Lis e militante da Educação no MTST Pernambuco. Interessada em contribuir com o direito a infâncias saudáveis, enxergando a literatura e o brincar como essenciais nesse processo.



Isis Thayzi Silva de Sousa
Professora, mestranda em Educação e militante do MTST-PE. Constrói a luta popular porque acredita que só ela é capaz de mudar a vida das pessoas.

Relatos de experiências



Intercâmbio cultural através de cartas: as crianças do coque escrevem para o mundo, a partir das ações fomentadas pela biblioteca escolar

Adilza Regina de Lima Silva
Amanda Ramos e Silva
Edivani Silva de Souza
Érica Montenegro de Mélo
Socorro Barros de Aquino

Rede de Bibliotecas do Coque (EM Almirante Soares Dutra; EM do Coque; EMTI Prof. José da Costa Porto; EM Novo Mangue; CMEI Mãezinha do Coque)
Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores (PMBFL)

Desde 2017, estudantes da comunidade do Coque, com o apoio do CEEL, vêm participando de ações pautadas na iniciação à pesquisa e na produção de textos. No ano em questão, o Coque começou a celebrar a troca de palavras como meio de aprender sobre outras culturas.

No Projeto de Extensão do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, em parceria com o CEEL, as crianças da Escola Municipal do Coque estudaram aspectos da cultura indígena do Estado, tais como a localização das principais aldeias de alguns povos, as diferentes formas de brincar das crianças indígenas, os símbolos de resistência, a história de luta para permanência em suas terras e a manutenção de sua cultura. Durante as vivências para conhecer um pouco mais sobre a população indígena do estado de Pernambuco, fomos convidadas pela Biblioteca Popular do Coque para participar de uma roda de conversa com um representante do Povo Xukuru. A partir de então, realizamos diversas ações compartilhadas, tais como a pesquisa de narrativas indígenas, o estudo dos movimentos de resistência dessa etnia e as formas de brincar de suas crianças, buscando integrar a biblioteca escolar à comunitária.

No estudo das tradições do povo Xukuru, pesquisamos com as crianças os aspectos históricos e as formas de resistência para preservação de sua cultura, no território que fica na cidade de Pesqueira, Agreste pernambucano, localizada a 212 Km da capital.

Na biblioteca escolar, pesquisamos outras histórias de outros povos e descobrimos que havia uma publicação com recontos de lendas indígenas de doze povos pernambucanos. Meu povo conta é uma coletânea de narrativas organizada por professores e professoras indígenas, que está disponível para baixar da internet. Imprimimos a publicação, incluímos no acervo da biblioteca e selecionamos algumas lendas para serem lidas com as crianças.

Nas rodas de conversa com as crianças, na biblioteca escolar, fomos lendo e conversando sobre as representações de cada povo imortalizado por suas histórias. Junto à assessoria do CEEL, ofertada pela Profa. Emília Lins, organizamos uma sequência didática para a produção de cartas, com foco na comunicação entre as crianças, a partir das histórias de suas comunidades.

Após alguns meses, as trocas de cartas intermediadas pela profa. Emília, que é moradora e idealizadora da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura, despertaram nosso desejo de estreitar os laços com os Xukuru. Alguns meses depois, na culminância do Projeto, fomos a Pesqueira e visitamos a escola indígena Xukuru, com nossos estudantes. Participamos de momentos coletivos para aprender mais sobre essa comunidade. Fomos recebidos com um Toré, assistimos a uma exposição de artesanato confeccionado por moradores da aldeia e visitamos a biblioteca da escola.

Fizemos refeições juntos e tivemos uma roda de conversa com crianças, professores e professoras das duas escolas, sobre o que sabíamos um do outro. Muitas crianças do povoado de Cimbres perguntaram sobre o mar e também sobre os estádios de futebol da capital. Foi uma troca de experiências incrível, com muitas oportunidades de aprender sobre as diferentes formas de viver, dentro do mesmo Estado.

No ano de 2018, dando continuidade a essa ideia de intercâmbio cultural, aproximamo-nos da comunidade do Alto do Moura, em Caruaru. Descobrimos, através da pesquisa em sites e livros na biblioteca, que o Coque e a referida comunidade caruaruense têm muitos pontos em comum. Aspectos relacionados à situação socioeconômica foram o principal foco descoberto pelas crianças e, a partir de então, em rodas de conversa, fomos descobrindo mais coisas. A principal descoberta das crianças foi a história do Mestre Vitalino, morador da comunidade que impulsionou e deu fama ao artesanato no barro. Outro ponto em comum é a existência de bibliotecas comunitárias em ambos os bairros, o que motivou as crianças a saberem um pouco mais sobre o que liam seus colegas.

O Projeto DE CARTA EM CARTA, cujo nome deriva de um dos livros literários utilizados durante o Projeto, cresceu bastante, sendo abraçado como pontapé de ações de iniciação à pesquisa e de ampliação do universo cultural dos estudantes. Nessa ação, participaram duas escolas (EM do Coque e Novo Mangue) que trocaram cartas com as crianças de Caruaru, contando sobre seu lugar, suas formas de diversão e compartilhando suas leituras. A partir da leitura do livro De carta em carta, de Ana Maria Machado, as crianças começaram a estudar a força desse gênero textual, e a descobrir como ele poderia se constituir um recurso de comunicação e de estudos, visando à integração entre as crianças de nossas comunidades.

Recebemos, nas duas escolas do Coque, a visita dos estudantes caruaruenses. O ponto de encontro para que as crianças se conhecessem, almoçassem juntas e pudessem trocar, pessoalmente, as últimas cartas foi a EM do Coque. Tivemos uma calorosa entrada na escola, com as crianças passando pelo corredor decorado por elas mesmas com sombrinhas de frevo, uma contação de histórias na biblioteca escolar e uma roda de conversa, na qual alinhamos as ações do Projeto e os próximos passos. Foi um dia de muita alegria, de ver a beleza e a força das palavras que viajam dentro e fora das comunidades.

As ações continuaram, e aos poucos fomos nos apropriando de informações acerca das comunidades do Coque e do Alto do Moura. Com o apoio da UFPE, ainda na parceria com o CEEL, visitamos o Alto do Moura, saindo do Recife em dois ônibus, levando nossos estudantes para o Agreste. A oportunidade de viajar para outra cidade foi despertando nas crianças as curiosidades sobre o percurso, a paisagem, o relevo, as pequenas cidades e as pessoas com quem mantiveram contato nas paradas para irem ao banheiro.

No Alto do Moura, fomos recebidos na Associação de Moradores, com apresentações culturais, oficinas de modelagem em barro e fomos agraciados com a presença de Severino Vitalino, filho do grande Mestre Vitalino, com quem conversamos sobre suas memórias e o legado de seu pai. Visitamos a Casa Museu do Mestre Vitalino e trocamos presentes. Levamos livros literários de diversas temáticas, inclusive sobre cartas, e ganhamos um dia de festa! Cada adulto e cada criança recebeu uma peça de arte de barro produzida e doada pelos artesãos, pais de estudantes e suas famílias, que mantêm viva a tradição do artesanato.

Almoçamos juntos na Escola recém-reformada da comunidade. Conhecemos as instalações e, ao final da tarde, depois de uma parada rápida no prédio onde estava sendo organizada a sede da Biblioteca Comunitária, voltamos para o Recife com uma sensação de plenitude e a certeza de que os intercâmbios culturais nos oportunizam ver um mundo diferente.

Alguns meses depois, apresentamos os resultados desse Projeto à Rede Municipal, dentro da Mostra de Experiências Exitosas do Programa Manuel Bandeira (2018), momento marcante de nossa história enquanto rede.

O Projeto “De carta em carta”, premiado na Fecon (Recife, 2018), na Feira de Conhecimentos Milset (Fortaleza, 2019) e na Colômbia (2019), passou a ser desenvolvido por cinco escolas da comunidade, constituindo-se, assim, a Rede de Bibliotecas do Coque, em 2021, no período de pandemia. Apesar das limitações do ensino remoto, conseguimos manter a comunicação com nossos estudantes e realizar estudos sobre as cartas, como importante veículo para nossos intercâmbios.



Visita da E.M. Mestre Vitalino à E.M. do Coque (2018)



Recepção aos estudantes da E.M. Mestre Vitalino com sombrinhas de frevo customizadas, na E.M. do Coque (2018)



Contação de história na E.M. Novo Mangue para os estudantes da E.M. Mestre Vitalino (2018)

O conjunto de cinco escolas da comunidade, sendo apadrinhadas pela Biblioteca Popular do Coque e assessoradas pela equipe do CEEL/UFPE, trouxe para o trabalho das bibliotecas escolares, por meio das professoras dos espaços de leitura, um olhar qualitativo acerca das práticas da biblioteca, dentro de suas possibilidades de atuação. A formação continuada centrada em práticas de leitura e escrita acabou por dar suporte teórico-prático às nossas ações e fomentou a organização de ações por unidade escolar, sempre em parceria com as professoras de sala de aula.

A partir de 2021, numa parceria com a Escuela Laura Matus, em Doñihue, Rancagua, cidade localizada nos arredores de Santiago - Chile, as crianças do Coque passaram a trocar cartas com os estudantes chilenos. Em 2022, quando foi estabilizada a retomada das atividades presenciais, ainda no pós-pandemia, mergulhamos novamente no universo da escrita. Recebemos – presencialmente – os cartões de Natal trazidos do Chile por um portador para as nossas crianças, o que representou um momento de emoção para todas as escolas. Era a materialização de todo esse trabalho.

Retomamos as escritas e cada escola foi seguindo uma linha de trabalho, já com foco em um encontro presencial. Começamos a sonhar com a ida ao Chile e, no coletivo, esse sonho foi se fortalecendo e encontrando caminhos, por intermédio das Profas. Ana Cristina Penha e Ester Rosa. A expertise em realização de encontros acadêmicos fez com que começássemos a planejar um seminário na Universidade de Playa Ancha (Santiago - Chile).

Cientes da importância das ações desenvolvidas nas salas de aula a partir das leituras literárias nas bibliotecas escolares, passamos a solicitar apoio logístico da Secretaria Municipal de Educação.

Se inicialmente a intenção era apresentar-se e falar um pouco sobre a sua comunidade, a escrita das cartas foi se transformando num verdadeiro portfólio de ações de formação de leitores, escrita, ampliação do universo cultural e iniciação à pesquisa: cartas, cartões postais, literatura de cordel, vídeo-cartas, circuito dos poetas, oficinas de metarreciclagem, cartas



desenhadas por bebês tendo a professora do espaço de leitura como escriba, oficinas de poesia, fotografias, vídeo-documentários e outras. Uma gama de ações protagonizadas pelos estudantes, que escreviam em língua portuguesa e liam em espanhol.

Em novembro de 2022, depois de meses de intenso trabalho com os estudantes, seguimos para o Chile, com representação de cinco unidades educacionais do Coque. Esse projeto tornou-se parte de um programa anual de trabalho da Rede de Bibliotecas do Coque, de modo que, em 2023, continuaremos nos correspondendo com estudantes chilenos, incluindo uma nova unidade educacional.



Estudante da Creche Municipal Mãezinha do Coque confeccionando cartão-postal (2022), enviado a Escuela Laura Matus



Recepção da Escuela Laura Matus a toda a equipe brasileira (2022)



Estudantes da E.M. Prof. José da Costa Porto recebendo correspondência enviada pela Escuela Laura Matus (2022)

Esse trabalho nos mostra quão significativa é a experiência dos intercâmbios culturais, ampliando o universo dos estudantes, levando-os a participarem de práticas de leitura e escrita com propósitos reais de comunicação, fortalecendo a formação de leitores e o estímulo à pesquisa, a partir das ações planejadas nesse coletivo.

Nós, professoras das bibliotecas escolares da comunidade, acreditamos que estamos trilhando um caminho diferente, uma jornada potente e generosa, na qual apoiamos e qualificamos nossas ações cotidianas, em função de uma educação libertadora. Desse modo, estamos sempre prontas para iniciar uma nova jornada. As professoras de biblioteca das Escolas do Coque estão integradas, buscando partilhar projetos e conquistas, fortalecendo a biblioteca como espaço de aprendizagem e de formação humana.



Projeto 'Criando Asas para voar no infinito da imaginação' - uma experiência literária na Ilha de Fernando de Noronha - Pernambuco

Andrea Vasconcelos

Gustavo Bezerra

Rúbia Uchôa

(Superintendência de Educação de Fernando de Noronha)

Como tudo começou...

Nasci em 2003, em uma ilha do Nordeste brasileiro chamada Fernando de Noronha, distante 545 Km do continente. Sou pernambucana com muito orgulho e trago em minha história muita resistência, cultura e beleza. Chamo-me Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando, e sou filha mais velha de um total de três irmãs. Vivo cercada por 4.700 habitantes (Controle Migratório/FN, 2022), em um Parque Nacional Marinho, santuário ecológico reconhecido pela Unesco como Patrimônio Natural Mundial.

Segundo soube, meu nome foi escolhido em homenagem a um atuante ambientalista que aqui viveu, o que me deixa cheia de orgulho e responsabilidade. Na minha terra natal, finquei raízes na Praça do Trinta, numa singela e bucólica área no coração da Ilha. Habitam em meu interior quatro mil títulos, nas mais variadas áreas do conhecimento. Sou acolhedora e sinto-me feliz de poder compartilhar minha experiência atual com vocês. Para tanto, retorno um pouco no tempo.

Era 2019, e confesso que os anos anteriores foram deixando-me mais reclusa e vulnerável às intempéries. Minha estrutura foi ficando comprometida a ponto de receber uma orientação para fechar minhas portas. Nesse ano chegava à ilha uma nova equipe para coordenar as atividades educacionais da Superintendência de Educação. Em uma visita inicial, olhares femininos e empáticos foram direcionados às minhas necessidades, e fui, por total identificação, integrada aos demais equipamentos da Educação.

Nessa ocasião, eu ainda era a única biblioteca da ilha e precisava ter partes reconstruídas, mas para aquela equipe não era aceitável me ver com as portas fechadas por tanto tempo. Logo começaram a pensar como poderiam desenvolver uma cultura de leitura na ilha, sem o acesso da comunidade às minhas dependências internas.



Contação de história na Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando
Fotografia: Gustavo Bezerra



*Piquenique Literário na Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando
Fotografia: Gustavo Bezerra*

*Piquenique Literário na Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando
Fotografia: Ana Paula Borges*

Nesses encontros ao ar livre acontecem momentos de mediação de leituras, exposição de trabalhos manuais e literários, empréstimos de livros, musicalidade e outras artes, também, em todo piquenique, é servido aos presentes um lanche saudável preparado e distribuído pela própria comunidade.

Ah! É importante dizer que não há idade determinada para participar dos nossos eventos. Todas as pessoas são bem-vindas e a cada edição escuto depoimentos emocionantes de como o mergulho nas obras literárias tem encontrado um caminho de sensibilidade, tanto na prosa como na poesia, tanto na palavra escrita como na falada. São situações do cotidiano que se transformam em letras elegantes e delicadas.

E o Projeto cresceu...

A princípio com edições quinzenais, intercalando a Contação de história e o Piquenique literário, o Projeto foi “criando asas” e, por solicitação das duas escolas existentes na ilha, passamos a atuar por dois dias semanais em cada uma delas, com atividades interativas, mediação de histórias, discussões, debates sobre literatura, livros e autores.

Passamos também a atuar em forma de biblioterapia, juntamente com a Coordenação Psicopedagógica da Casa do Estudante de Noronha, situada em Recife, com os 16 jovens residentes que estão matriculados em cursos de nível superior na capital.

E não parou por aí. A Coordenação de Práticas de Leituras, cujo trabalho é cada vez mais reconhecido, respeitado e admirado por todos, hoje é convidada para contribuir nos diversos eventos organizados não só pelo setor público, mas também por toda a comunidade noronhense.

Enfim... o Projeto segue em voo livre e a cada dia consolida mais seu objetivo maior, que é o de despertar reflexões acerca da literatura, articulando educação, linguagens e práticas leitoras, contribuindo assim para a formação de leitores curiosos, criativos e críticos e na defesa do direito de todos os cidadãos ao acesso à literatura.

Os desdobramentos...

Como contei inicialmente, até 2019, só havia uma biblioteca na ilha de Fernando de Noronha, fato que, comparado às estatísticas nacionais, não é pouco, considerando que para cerca de 40.000 habitantes no território nacional existe uma só biblioteca. Assim, uma biblioteca numa ilha com cerca de 4.000 habitantes deve ser considerada uma excelente proporção.

Mas isso mudou quando a equipe da Superintendência de Educação foi apresentada, em uma reunião no gabinete do Administrador da Ilha, a equipe da Instituição Educare, liderada pela entusiasta da leitura, Kátia Rocha, que nos contou sobre a ideia de implantar um “Canto de Leitura” em cada uma de nossas escolas. E assim aconteceu: passamos a ser três!!! A comunidade noronhense conta atualmente com mais dois espaços de interação social e biblioteca.

Hoje esses Cantos de Leitura têm encantado a todos e chamado a atenção de nossos bebês, crianças e jovens através de seu design atrativo e de seus maravilhosos acervos, com cerca de 2.400 exemplares.

Meus desejos...

Em primeiro lugar, desejo que esse importante Projeto siga cumprindo seus objetivos, sirva de inspiração para outras iniciativas e continue encantando crianças, jovens e adultos. Que a semente plantada com tanta esperança e amor em 2019 continue sendo regada, para que seus frutos possam florescer cheios de sabedoria, que saibam fazer a diferença no mundo, transformando-o num lugar melhor e mais justo para todos.

Por fim, desejo que minha estrutura física seja transformada em uma biblioteca viva, aberta, inclusiva, acessível, interativa e conectada com meus ideais de mundo, onde todos sejam respeitados em suas singularidades e livres para escolher seus caminhos.

Agradecimentos...

A toda a Equipe da Superintendência de Educação de Noronha, que junta sonhou, planejou e fez acontecer.

À Comunidade Noronhense e, com imenso carinho, às crianças que abraçaram o Projeto e entenderam o valor dos livros, da leitura e de todo amor ali ofertado.

À bibliotecária e pedagoga Marta Diniz, Chefe da Unidade de Bibliotecas Públicas de Pernambuco, pela parceria e dedicação.

À equipe da Rede Educare, na pessoa de Kátia Rocha, pelo entusiasmo, confiança na nossa equipe e pela parceria.

À empresa Ball, na pessoa de Thais Moraes, pelo compromisso social e ambiental na formação de jovens mais conscientes de seu papel no mundo.

À jornalista Elô Araújo, pela parceria, pelo carinho e presença constantes.

E a todas as pessoas queridas que contribuem com o Projeto ‘Criando Asas’ e se encantam a cada dia com as histórias contadas.



Projeto Cantos de Leitura – Biblioteca da EREM – Arquipélago



Contação de história na Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando



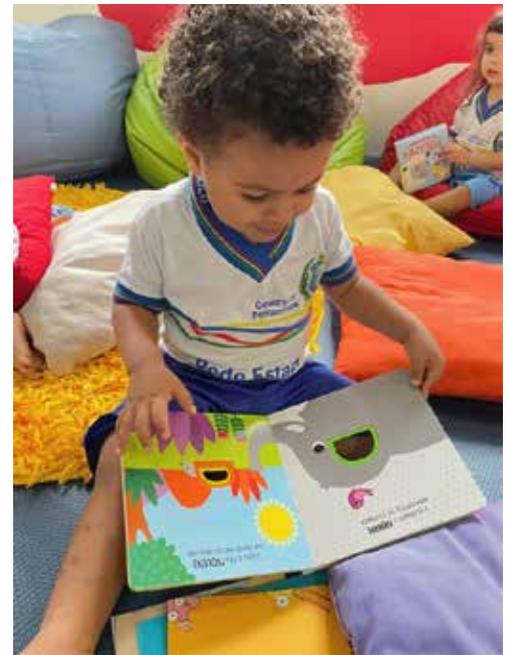
Contação de história na Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando



Contação de história na Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando



Projeto Cantos de Leitura – Biblioteca da EREM – Arquipélago



Projeto Cantos de Leitura – Biblioteca do Centro de Educação Infantil – CIEI Bem-Me-Quer

Sussurros poéticos

Maria José Pereira de Melo Sousa
Aline Alves de Lucena Pereira (colaboradora)

📖 Introdução...

Em meio ao estresse causado pela agitação e correria do dia a dia, eu, Educadora de Apoio, Profa. Maria José Pereira de Melo Sousa, juntamente com a colaboradora, a Coordenadora da Biblioteca, Profa. Aline Alves de Lucena Pereira, considerando a importância da leitura para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao aprendizado e desenvolvimento dos indivíduos, elaboramos o Projeto 'Sussurros poéticos', que está alicerçado na convicção de que ler ensina, diverte, emociona e leva o indivíduo a entrar em outro mundo.

Fomos inspiradas pelo grupo francês *Les Souffleurs* (Os Sopradores), cuja ação, entre outros trabalhos, é fazer intervenções poéticas em espaços públicos, ao sussurrar poesias nos ouvidos das pessoas para que, em meio a tanta correria, elas parem um pouco e percebam que existem coisas belas na vida para se apreciar.

A poesia é uma forma especial de linguagem. Falada ou escrita, ouvida ou lida, sempre a encontramos. Seu jogo com a sonoridade, musicalidade, os ritmos e rimas tornam sua leitura um ato prazeroso e divertido. A poesia, antes de tudo, é a transfiguração da realidade em expressão de beleza e de contemplação emocional. Ela desperta os valores estéticos, aprimora as emoções, a sensibilidade, aguça sensações e enriquece a percepção.

A poesia suscita vários sentidos, realçando signos e significantes. O poema demanda de seu leitor um olhar mais atento, uma ativa mobilização intelectual e afetiva, requerendo um entrelaçamento contínuo de emoções e desejos. A poesia propicia aos estudantes se perceberem como sujeitos construtores de significados, que não se contentam com as versões recebidas, mas que questionam e transformam a realidade, interior e exterior, em uma fonte de saber.

<http://brainly.com.br>, consultado em 08 de junho de 2022.
<http://www.jornalzinho.com.br> - As Sussurradeiras, uma experiência de poesia e beleza. Reportagem da Companhia Francesa de Teatro "Les Souffleurs".

Assim, destacamos a importância de o(a) educador(a) promover o encontro entre a poesia e os estudantes, sendo motivador(a) do hábito da leitura, transmitindo o interesse pelo gênero, selecionando os temas de curiosidade e encantamento da turma.

📖 Projeto ganhava vida!

O Projeto 'Sussurros poéticos' foi iniciado no ano letivo de 2022. Após análise da prática leitora dos estudantes do Novo Ensino Médio e do Ensino Médio da Escola de Referência em Ensino Médio São José e, considerando também a escuta dos professores de Língua Portuguesa e da Bibliotecária, ficou evidenciado que os estudantes fazem pouco uso da leitura de poemas, apesar do vasto acervo do gênero existente na Biblioteca.

Considerando as demandas leitoras, elaboramos o Projeto 'Sussurros poéticos', que vem sendo desenvolvido em 10 (dez) etapas, que chamamos de "estações".

Nosso objetivo com o Projeto é o de contribuir para o desenvolvimento da comunicação e expressão, a partir do acesso a diferentes gêneros literários, por meio de vivências arte-poéticas.

Desde o início, o Projeto foi pensado a partir de uma metodologia diversificada. Para atender ao objetivo mais amplo, ele foi dividido em 10 (dez) estações fundamentais, que funcionam como etapas para sistematizar o desenvolvimento das atividades. As estações estão abaixo descritas:

Sobre as autoras

Autora: Maria José Pereira de Melo Sousa
zezemelloj@hotmail.com - Educadora de Apoio da Escola de Referência em Ensino Médio São José

Colaboradora: Aline Alves de Lucena Pereira
alinelupem@hotmail.com - Coordenadora da Biblioteca da Escola de Referência em Ensino Médio São José

1ª Estação - Adorno do tubo para os sussurradores poéticos: o tubo foi elaborado pela Profa. Maria José Pereira de Mélo Sousa, Educadora de Apoio, e pela Coordenadora da Biblioteca Aline Alves de Lucena Pereira. Foram reutilizados tubos de papelão de enrolar tecidos, que foram ornados com imagens da cultura imortal de Pernambuco e com fitas coloridas, fazendo alusão ao frevo e ao maracatu. O trabalho foi realizado na sala da Biblioteca Escolar José Vítor de Moura.

2ª Estação - Apresentação do Projeto para os professores de Língua Portuguesa e estudantes: a apresentação aos professores ocorreu no momento da Formação Continuada que acontece semanalmente, na sala da Biblioteca José Vítor de Moura; aos estudantes do 1º e 2º Anos do Novo Ensino Médio, ocorreu nas aulas de Estudo Orientado; e aos estudantes do 3º Ano do Ensino Médio, na aula de Língua Portuguesa.

3ª Estação - Acolhimento aos estudantes participantes do grupo dos 'Sussurradores Poéticos': durante os encontros com os(as) estudantes para apresentação do Projeto e mobilização para participação no grupo dos Sussurradores, foi feito o convite para quem gostaria de participar do referido grupo. Assim, o grupo foi constituído por adesão voluntária.

4ª Estação - Escolha democrática dos poemas e textos poéticos, e de seus respectivos escritores: os textos foram distribuídos entre os participantes, que deveriam memorizá-los. A memorização exige dos(as) estudantes a leitura e compreensão do texto. Não implica mecanização da leitura. Ao invés disso, contribui para uma forma de recitação mais elegante e sensível. Naturalmente, em alguns momentos, os(as) estudantes sussurram lendo também.

5ª Estação - Recitação de poema ou texto poético: o(a) estudante deve utilizar o tubo para recitar o texto para a Equipe Gestora, os(as) professores(as), colegas e visitantes, quando chegam à escola. O(A) estudante recita o texto poético, que passa do tubo ao ouvido do ouvinte. Os sussurros poéticos são realizados em vários tempos e espaços na escola, como, por exemplo, para a Equipe Gestora, como forma de acolhimento; em momentos culturais, comemorativos, pedagógicos, entre outros.

6ª Estação - Escrita do poema ou do texto poético recitado: o objetivo desta Estação é formar um painel de poemas e/ou textos poéticos. Os textos devem ser escritos manualmente ou digitados em papel A4, e afixados em um painel de madeira já existente na escola, que hospeda informações e produções dos(as) estudantes.

7ª Estação - Recitação do poema ou texto poético aos estudantes, por turma: no dia em que a apresentação é planejada, reunimos o grupo e democraticamente os(as) alunos(as) se dispõem a realizar a atividade. Como dispomos de três tubos, formamos grupos de duplas ou de mais participantes, dependendo do número de pessoas que serão convidadas a escutar o sussurro poético.

8ª Estação - Criação de poemas e textos poéticos: achamos relevante ter uma Estação destinada a motivar a produção de poemas e textos poéticos, pois consideramos que, nesta etapa do Projeto, o(a) estudante já está familiarizado(a) com esse gênero textual e, inspirado(a) em diversos autores, já é capaz de escrever. Essa atividade é desenvolvida na aula de Língua Portuguesa.

9ª Estação - Organização do livro Encantos poéticos: nesta etapa, vamos organizar uma obra, em formato livro impresso, no qual serão reunidos os textos escritos pelo grupo de sussurradores poéticos. Os textos escritos pelos(as) estudantes serão analisados por uma Comissão constituída por 03 (três) professores de Língua Portuguesa, 04 (quatro) membros da Equipe Gestora e 02 (dois) representantes do Grêmio Estudantil. O livro terá formato artesanal.

10ª Estação - Tarde de autógrafos do livro Encantos poéticos: esta é a etapa de culminância do Projeto. O grupo vai organizar um espaço na escola para receber convidados e distribuir exemplares da obra impressa, autografados.

Os(As) estudantes que aderiram ao Projeto realizaram suas pesquisas de poemas e textos poéticos na Biblioteca Escolar José Vitor de Moura. O Projeto valoriza a poesia e a comunicação de forma sensível, além de proporcionar momentos lúdicos de pura poesia, e assim contribuir para um cotidiano mais humanizado e poético. Todo o Projeto foi realizado por meio das Estações de trabalho, que oportunizaram aos(às) estudantes importantes momentos de protagonismo e aprendizagem, nas decisões, criações, execuções e orientações aos demais estudantes que, espontaneamente, se juntaram aos integrantes do Projeto.

Alguns resultados

Os resultados foram analisados após cada vivência de apresentação e durante o desenvolvimento das Estações. Todas as vezes que os sussurradores poéticos da EREM São José se apresentaram emocionaram as pessoas, pois a atividade favorece significativamente a valorização da escuta, gerando reflexões sobre o que o poeta escreveu em forma de poema, um verdadeiro sentimento encantador.

Em síntese, o Projeto 'Sussurros poéticos' é considerado muito lindo e com uma intenção muito nobre, que é a de alimentar a alma das pessoas.



A stylized red figure, possibly a person or a character, is depicted in a dynamic, almost dancing pose. The figure is filled with a complex, repeating geometric pattern of yellow and white lines on a red background. The figure's right arm is raised, and its left arm is bent. The figure is set against a white background with large, dark blue, abstract shapes that resemble stylized clouds or waves. The overall aesthetic is graphic and modern.

Depoimentos

TRAFEGA

ENTRE

O MODERNO

E O ANTIGO

Memórias afetivas da iniciação à leitura – lições do projeto ‘camaragibe que lê’

Carminha Bandeira
Helen Santos
Maria Helena Dubeux
(Centro de Estudos em Educação e Linguagem - CEEL)

*Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história
Eu tinha pra contar
Pavão Misterioso, Ednardo*

A maioria da turma não conhecia o texto A importância do ato de ler (FREIRE, 1981), em que Paulo Freire reconstitui, como uma prosa poética, suas lembranças da iniciação à leitura. Uma professora ficou surpresa, pois achava que já tinha lido tudo de Paulo Freire e “como é que não conhecia aquele livro?”. Que bonita a relação carinhosa entre o mestre, os pais e os irmãos; a liberdade que ele teve para explorar as árvores do quintal de casa e rabiscar as primeiras palavras no chão, com gravetos. Dona Eunice, a primeira professora, também ressurgiu, envolvida numa aura amorosa. Na troca das impressões, o grupo entendeu que as memórias de iniciação à leitura do Pedagogo da Esperança eram impregnadas de referências carinhosas, segurança e liberdade para aprender.

Alguém comentou a sensação de bem-estar que emanava no ambiente enquanto o grupo se deliciava ao refazer com Paulo Freire os primeiros passos de aprendiz das letras, passando primeiro pela leitura de mundo. Cada participante passou em revista os seus baús, e começaram a emergir os narradores, os repentistas e os cordelistas, que chegavam para cantar versos nas noitadas de lua cheia no sítio.



Leitura compartilhada do texto de Paulo Freire “A importância do ato de ler”

Sobre as autoras

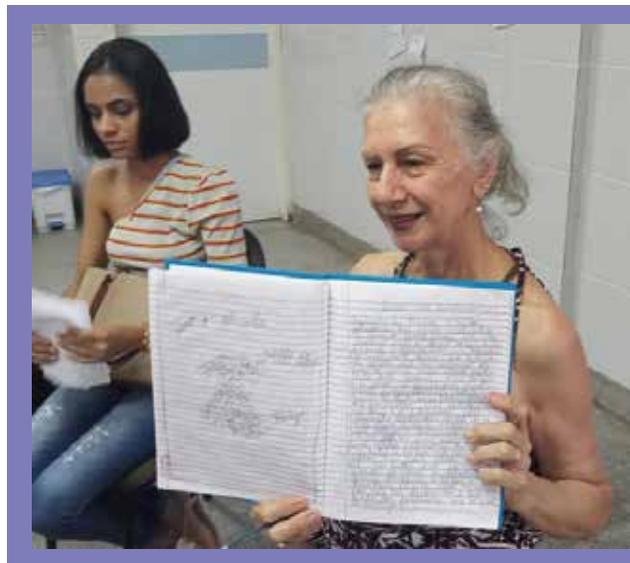
Carminha Bandeira é pedagoga, mestra em Educação e formadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL).

Helen Santos é pedagoga, mestra em Educação e formadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL).

Maria Helena Dubeux é psicóloga, mestra em Psicologia Cognitiva e formadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL).

Foram também abordados incômodos, em meio aos lapsos de memórias, levando ao entendimento de que nem sempre as memórias afetivas significam boas lembranças: em alguns casos, passavam pelos castigos, os dedos doloridos pelos bolos de palmatória, por não acertarem a lição.

Dois relatos de vestidos costurados pelas mães para serem usados nas festas juninas, que acabaram sendo queimados por fogos de artifício, ficaram bem marcados. Para uma delas, foi tão incisivo o significado dessa lembrança que não conteve o impulso de desenhar o vestido no caderno recebido por cada participante para registrar as memórias que achassem por bem escrever, podendo também fazê-lo através de desenho.



A professora mostrando o caderno com o desenho do vestido e o texto

O Projeto 'Camaragibe que lê'

A cena aqui relatada aconteceu na experiência de formação de uma comunidade de professoras de biblioteca, com base nas memórias afetivas da iniciação à leitura, que se iniciou com a leitura do texto de Paulo Freire: A importância do ato de ler.

O Projeto 'Camaragibe que lê' foi estruturado por uma equipe do CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem), em parceria com representantes de bibliotecas comunitárias. Realizada entre agosto e dezembro de 2022, a formação foi oferecida a um grupo de 30 pessoas vinculadas à rede escolar de Camaragibe, constituído por professoras que atuam nas bibliotecas escolares, bibliotecários, dirigentes, coordenadoras pedagógicas e pessoas da equipe técnica da Secretaria de Educação de Camaragibe-PE (SECED)

Constou também da formação a requalificação dos ambientes das bibliotecas, com apoio e participação das dirigentes, de forma participativa e integrada, visando ao envolvimento da escola na criação do ambiente acolhedor para desenvolver o gosto de ler desde a infância.

A formação partiu do entendimento de que o bom funcionamento das bibliotecas escolares pressupõe o convencimento do coletivo de professoras sobre o diferencial relevante de qualidade para a educação acrescido do bom funcionamento da biblioteca escolar. É preciso que esse coletivo tenha afinidade e aprenda a zelar pela biblioteca, por ser um lugar onde as crianças aprendem sonhando e brincando.

A biblioteca, por excelência, é o lugar da acessibilidade à literatura, onde as professoras encontram suporte para elaborarem seus projetos de leitura, somando-se às ações voltadas para o desenvolvimento da linguagem, desde a Educação Infantil, depurando o gosto pela leitura literária.

Colaboradores:

Rafael Andrade (Biblioteca Popular do Coque); Reginaldo Pereira (Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiaras); Rogerio Bezerra (Biblioteca Multicultural Nascadoura) e Márcia Azevedo (Assessor do SECED)

Reencontro com as raízes impregnadas das tradições orais

Ao revisitarem os seus baús, as professoras, assim como Paulo Freire, acessaram as lembranças das almas do outro mundo, que surgiam na escuridão balançando redes, puxando os pés, alimentando os medos do além e remetendo os viventes à dimensão dos mistérios.

Voltaram as lembranças dos encontros na varanda em noites de lua, para ouvirem os contos de Trancoso contados por antigos narradores.



Conversa e apresentação das primeiras lembranças de leituras

Alguém comentou que a própria conversa era um jeito de contar: as lembranças tecidas pela imaginação recriando os cenários, descrevendo as pessoas, cantando um trecho de um verso de cantoria. De repente, uma voz se impõe atraindo todos os olhares para a mesma direção, seduzidos pela história.

A Moura Torta

A moça pergunta se alguém se lembra da história da pombinha que pousou na mão de um príncipe que se deitou na rede para descansar. Quando ele começou a coçar a cabecinha, viu que tinha um caroço parecido com a cabeça de um alfinete. Ele puxou o alfinete e a pombinha, ao se transformar numa bela princesa, contou que havia sido enfeitiçada por uma bruxa. A Moura Torta, esse clássico da literatura oral proveniente da Península Ibérica, que está na base da história da leitura no Brasil, foi a primeira história que emergiu do baú de memórias do grupo, evidenciando também o primeiro perfil identificado com a tradição dos narradores.

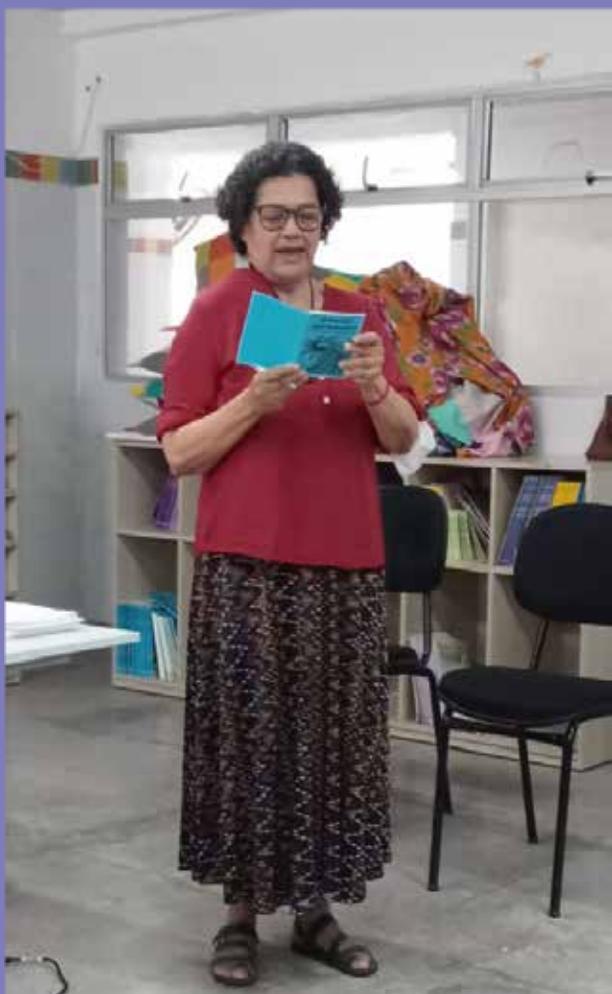
Para finalizar, alguém perguntou quem sabia o que acontecia, no final, com a Moura Torta. Na sua versão, a feiticeira negra e aleijada, ao ser encontrada, apanhou sem dó nem piedade pelos cavaleiros do príncipe, por ter enfeitiçado a pombinha.

Outras pessoas conheciam a intrigante versão em que a Moura Torta é associada a uma bruxa negra que merecia apanhar, assim como eram castigadas as pessoas escravizadas, por ter enfeitado uma princesa branca. Não deu tempo de refletir sobre possíveis conexões entre moura, árabe, islâmica, malê. Fica a dica para o aprofundamento da reflexão da literatura na perspectiva decolonial.

O cordel do Pavão Misterioso

As duplas de repentistas e os cordelistas também trouxeram suas violas, para as noitadas de cantoria nos sítios. Entrou pela janela o Pavão Misterioso, quando a professora começou a cantar um verso e um mediador se lembrou de uma releitura do romance pela Editora Tupiniquim, CE. No encontro seguinte, chegou a versão adaptada, junto à música composta por Ednardo para uma série na TV, e mais o folheto assinado por José Camelo, que continua a circular nas feiras e sebos. Puro encantamento foi o momento de exploração desses acervos, que culminou com o grupo cantando em coro com Ednardo:

*Eles são muitos
Mas não sabem voar*



Leitura e exploração dos acervos do Pavão Misterioso

A visita da escritora Si Cabral

Agradável foi a visita da escritora Si Cabral, que conversou sobre as memórias de infância, começando pelo lugar em que nasceu, o aceiro chamado Córrego do Burro. O grupo leu junto com ela, passeando pelos locais onde viveu, as árvores e frutas locais, o rio onde sua mãe lavava roupa, e o seu namoro com o sabiá do papo amarelo. Foi despertado o sentimento de pertencimento, ao reconhecerem as frutas, o mesmo rio, próximo de suas casas, que também era parte do cotidiano de algumas mães que igualmente iam lavar as roupas da família, enquanto as crianças ficavam brincando nas redondezas. A interação despertou intensa curiosidade sobre o processo criativo da escrita, com o encantamento e a ficção provocados com as visitas do sabiá do papo amarelo. (CEEL, 2023)



Visita da escritora Si Cabral

Os cadernos de registro

Cada participante recebeu um caderno para registrar as memórias. Algumas precisaram de tempo maior para começar a escrever. Enquanto isso, se empenharam na produção das customizações dos cadernos. Uma das formadoras resolveu escrever e ler as próprias escutas infantis, que passaram pela Moura Torta, o papa-figo, a Comadre Florzinha e outros personagens do folclore que alimentaram a infância de todas. E ficou surpresa ao constatar que o grupo era a expressão viva de uma comunidade impregnada pela continuidade das tradições orais.



Customização dos cadernos e leituras

Tão pequeninha e já sabia ler

Uma professora se lembrou da primeira visita que fez à biblioteca da escola e tomou emprestado um livro de mistério e suspense. Em casa, a irmã mais velha leu para ela, que se tornou uma apreciadora do gênero. Outra se lembrou que era muito pequena quando a mãe se reunia com as irmãs para lerem a Revista Contigo. Ela adorava! Um belo dia, com a idade de apenas 3 anos, a garota surpreendeu ao ler: Revista Contigo. Foi um sucesso! Quando o pai chegou, a mãe foi logo pedindo para ela ler. A admiração da família foi grande! Tão pequena e já sabia ler!

Os acervos dos patrimônios vivos

Foram apresentados vários livros que tratam da história do município e dos patrimônios vivos de Camaragibe. Um deles foi o Almanaque produzido pelo CEEL (Camará-gy-pe), que naquele momento ainda estava em vias de ser distribuído para as crianças, para apoiar a formação de leitores nas escolas.

Rendeu muitos comentários a história de Dona Palmira, que lidera o Bloco Lírico Amante das Flores, ressaltando a importância desse bloco para a identidade cultural da cidade. Ficou bem clara a percepção da função da escrita pelos autores da comunidade para o registro dos seus patrimônios vivos. (CEEL, 2023b)

Camaragibe das minhas memórias – História oral de Araçá (GUIMARÃES e BARBOSA, 2018)

Escrito pelas professoras Célia Lira Guimarães e Nadja Assis Barbosa, do EREM Tito Ferreira de Oliveira, o livro contém a história do morador Nilson Gonçalves da Silva e sua esposa, relatando a origem e o processo de ocupação do bairro. A turma se divertiu com o tom bem-humorado do texto e se admirou com os obstáculos que o casal precisou superar, além de outras curiosidades da história desconhecida da grande maioria.

Até aquele momento da formação, não se fazia ideia da riqueza e diversidade do acervo sobre Camaragibe produzido por autores locais. Aos poucos, foram se dando conta dos títulos que faziam parte do acervo das bibliotecas. Uma professora, ao reconhecer um deles, confessou ainda não ter lido.

Camaragibe: suas raízes e sua história (LEMOS, 2012)

O grupo viajou com o autor até as origens da terra dos Camarás, desde a época do descobrimento do Brasil, ao percorrer algumas páginas desse livro. Passou pelas lutas travadas entre os invasores e os povos indígenas originários, que defenderam bravamente as suas terras, mas foram derrotados com as armas desiguais que destruíram suas culturas, seus territórios, suas vidas. Foi possível fazer as pontes com as tradições religiosas, as marcas do cruzamento das matrizes europeias, indígenas, africanas, com acento na influência judaica, transformadas em lendas e contos de assombração que povoam o imaginário do povo de Camaragibe.

História do meu povo Camará (ROMA e GALVÃO, 2017)

Do mesmo modo, causou forte impressão a leitura de partes desse livro, escrito por Roma Júlia e Elis Galvão, ambas nascidas em Camaragibe. Com o mesmo propósito das obras anteriormente citadas, o livro foi produto de um Projeto voltado para o resgate das histórias dos bairros e a identificação dos patrimônios vivos. Num dos capítulos, correspondente ao polo Vera Cruz, foram contemplados textos escritos por crianças. As produções foram realizadas em sala de aula e elas recriaram as histórias de assombração, lendas, brincadeiras com os amigos na escola e nas ruas.

As professoras se reconhecendo como patrimônios vivos

Tocou fortemente o coração das professoras a leitura dos acervos relacionados aos patrimônios vivos. Algumas demonstraram familiaridade com as ações do Projeto, ao identificarem Zé Negão, o mestre de capoeira que chegou a trabalhar numa escola contratado como auxiliar de serviços gerais e realizava com as crianças ações de conscientização da negritude.

Será que as bibliotecas podem propor um Projeto similar?

As professoras foram desafiadas, com essa pergunta, a pesquisar e identificar um patrimônio vivo no bairro e fazer um registro em vídeo. As professoras Andréa e Joaquina se surpreenderam ao descobrir a razão do nome do CEMEI Judith Brasil. Trata-se de uma professora que alfabetizou as pessoas mais velhas na cidade, numa escola que funcionava em sua própria casa. Consta no cartório que ela foi a primeira professora a registrar uma escola em Camaragibe. A prefeitura a homenageou com uma placa que a reconheceu como patrimônio da cidade.

Foi encerrado assim, com chave de ouro, o Ciclo de Formação do Projeto 'Camaragibe que lê', com as professoras prestando homenagem à antiga mestra que é expressão de patrimônios vivos.



Exposição das professoras Andrea e Joaquina da pesquisa sobre Judith Maria Brasil da Rocha

A biblioteca anda, e quando a biblioteca anda ela faz a escola andar

Na última visita realizada para fechar o ciclo da ação de requalificação, que, por artes do destino, ocorreu na Escola João Paulo, a professora Kátia, dirigente, conseguiu sintetizar o que as demais dirigentes acharam da experiência do Projeto 'Camaragibe que lê'.

Comentando os Projetos sobre os patrimônios vivos, Kátia lembrou que a escola, por muito tempo, contou com a colaboração do mestre de capoeira Zé Negão, que trabalhou na escola como auxiliar de serviços gerais. Agora, bem velho, ele cuida do próprio Centro Cultural e sente vontade de continuar multiplicando as rodas de capoeira na escola, mas os limites da idade já não ajudam. A escola, segundo ela, que por sinal é uma professora negra, precisa reconhecer formalmente o mestre Zé Negão como um velho griô e envolver os estudantes na escrita da sua história, para compor o acervo da biblioteca.

Kátia afirmou que aprendeu a ver a biblioteca como um lugar muito importante na escola e não se esqueceu de uma frase dita por alguém durante a formação: a biblioteca anda. Para ela, é fato que a biblioteca tem vida, tanto anda como faz a escola andar, no sentido da superação dos obstáculos. E não se esquece do quanto foi boa a experiência de pensar o espaço da biblioteca, trabalhar de forma colaborativa para organizar o ambiente.

Hoje, ela percebe que a biblioteca é pequena para as demandas da escola: o ambiente apertado causa desconforto aos adolescentes; é preciso diversificar os ambientes de aprendizagem, integrando as multimídias, além de ser necessário criar a função para o servidor ou a servidora que vai atuar nas bibliotecas. No entanto, ela fez questão de ressaltar a magia de transformar com as próprias mãos, principalmente quando juntas, de forma colaborativa, a partir da empatia e do desejo de ter uma biblioteca bonita.

Referências

CEEL. Chegou a menina que tirou primeiro lugar. In: **Almanaque Camará Gy-PE**: ano 4. Equipe do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da UFPE. Camaragibe, PE: Ed. dos autores, 2023, p. 128.

CEEL. Gente Camará - Dona Palmira e o bloco lírico Amante das Flores de Camaragibe. In: **Almanaque Camará Gy-PE**: ano 4. Equipe do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da UFPE. Camaragibe, PE: Ed. dos autores, 2023b, p. 70.

CEEL. Você sabe quem foi Raminho do Trombone? In: **Almanaque Camará Gy-PE**: ano 5. Equipe do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da UFPE. Camaragibe, PE: Ed. dos autores, 2023c, p. 26.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1981.

GUIMARÃES, Célia Lira e BARBOSA, Nadja Assis. **Camaragibe das minhas memórias – história oral de Araçá**. Camaragibe: Editora IGP, 2018, 104 p.

ROMA, Júlia e GALVÃO, Elis. **Histórias do meu povo Camará**. Olinda, Gráfica Livro Rápido, 2017.

LE MOS, João R. **Camaragibe, suas raízes e sua história**. Camaragibe. CCS Gráfica e Editora Ltda., 2012.



Biblioteca pública - integrar, existir e agir coletivamente

Ialy Cintra Ferreira

Os desafios frente à manutenção de uma biblioteca pública municipal são diversos e, por vezes, distantes do imaginário comum. Ela é, por natureza de definição, um espaço cultural. É local de guarda e memória, de experimentar vivências, abertura, valores – pluralidade. Mas, no cotidiano, o que isso realmente significa? Para além dos discursos, como podemos trazer essas questões para o centro de uma comunidade? E como evidenciar ao poder público que a cultura é força motriz e contribui efetivamente para o desenvolvimento local?

No trabalho frente à biblioteca pública se faz imprescindível acreditar que é possível engajar pessoas, municiando-as de instrumentos para que reivindiquem seu lugar, mas sem deixar que o discurso caia na utopia. Caso alguém tenha continuado pensando em encontrar um manual que solucione as questões propostas, é importante saber que esse é apenas o ponto de partida diário para que cada planejamento, que leve em consideração a participação da comunidade, consiga ser colocado em prática.

Aprende-se que é o contato com o outro que humaniza, que a criatividade tão almejada bebe na fonte do diálogo, que é bom exercitar a empatia com o que parece distante de mim, mas que divide comigo o mesmo espaço geográfico que o meu. Fazer a promoção de um espaço seguro para realizar a escuta, regar com paciência para que as ideias possam crescer até que se tornem mudança leva tempo e requer dedicação. Não existem soluções rápidas para que um processo consistente se fortaleça, e só o trabalho coletivo sustenta a empreitada.

A Biblioteca Pública Penarol de Camaragibe (BPPC), localizada na cidade de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife (RMR) – Pernambuco, funciona em seu endereço atual, no Bairro da Vila da Fábrica, desde 29 de agosto de 2011. Em 2017, a BPPC passou a implementar em sua programação atividades que contemplassem alguns dos 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Desejávamos

colocar em prática o máximo de atividades que garantam acesso e oportunidades para todas as pessoas que dela buscam participar, afinal um equipamento público existe para atender às necessidades de seus usuários.

De início, duas atividades fixas começaram a acontecer mensalmente: o Cineclubes Penarol e a Contação de Histórias, com convidados diversos e apoio dos parceiros voluntários Diego Rodrigues e Roma Julia. Eu, enquanto funcionária efetiva, era auxiliada por Renata Queiroz, João Artur e José Marcone, que na época era estagiário de biblioteconomia. O objetivo era trocar as atividades pontuais por um calendário dinâmico, com uma rede integrada de ações.

O grande passo para determinar por onde começar foi investigar o perfil da comunidade. A biblioteca tem um grande fluxo de alunos da rede municipal e estadual de ensino, que são muito bem-vindos e acolhidos em nossa estrutura. Mas, durante os meses de férias, começamos a perceber que a presença das crianças e jovens diminuía vertiginosamente.



Atividade de Férias no Guarany Esporte Clube - janeiro de 2019
Fotografia: Ialy Cintra

Sobre a autora

Bibliotecária da Fundação de Cultura de Camaragibe com experiência em biblioteca pública

O que concluímos desse fato? Que ainda persiste a ideia de que a biblioteca pública funciona como um apêndice da escola, dando suporte apenas às atividades letivas, fazendo as vezes de biblioteca escolar, perdendo seu espaço de uso quando os alunos-usuários se encontram afastados dessa rotina. Foi a partir dessa constatação que nasceu a ideia de oferecer uma programação que acontecesse no período de férias.

A primeira edição foi completamente tímida, planejada com alguns poucos usuários e se apoiou nas parcerias locais. O trabalho voluntário foi essencial para que fosse possível colocar uma programação em prática. Mas foi essa edição que fez a equipe da Biblioteca persistir, pois identificamos que era necessário ampliar a demanda. Tínhamos um público ávido por lazer, mas esse público não conseguia associar o ambiente da biblioteca pública às atividades de lazer e recreação.

No ano de 2018, efetivou-se o calendário anual de atividades da BPPC. Além das ações que já contemplavam os ODS 4 (Educação de Qualidade) e 10 (Redução das Desigualdades), foram incorporados o ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) e o 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes).

O ODS 11 pretende tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Chama a atenção para o caso local de Camaragibe o tópico 11.4 – que objetiva fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo.

A nossa sede faz parte da memória afetiva dos camaragibenses que frequentam o bairro da Vila da Fábrica, pois abrigou a primeira padaria da Vila Operária e posteriormente a sede do Penarol Esporte Clube, fundado em 15 de novembro 1945, cujo nome principal herdamos. Outro fato é que o Clube Penarol, como costumava ser chamado, tem seu maior rival esportivo também sediado no mesmo bairro, o Guarany Esporte Clube (Guarany de Camaragibe), fundado em 1920.

Então, como equipamento cultural da Fundação de Cultura de Camaragibe, a Biblioteca abraçou a causa do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe, entre os anos de 2017 e 2019, sendo o próprio prédio um participante dos bens edificados inventariados, assim como a sede do Guarany. Foi proposto oferecer um ambiente seguro e confortável para que os membros do inventário pudessem se

reunir, além de ser local de guarda para que toda a documentação produzida ficasse à disposição para consulta posterior por qualquer pessoa que tivesse interesse no assunto.

O intuito de proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural de Camaragibe conversa diretamente com os anseios da biblioteca na promoção de uma educação patrimonial e oportuniza que as decisões possam ocorrer de forma participativa com os representantes da comunidade que se dispuseram a tal ação.

Foi por termos passado por esse momento de troca, após as atividades de férias já constarem como parte integrante do calendário fixo, que em uma das seleções das atividades, que passaram a ser feitas de maneira coparticipativa com os usuários, os pequenos leitores opinaram que gostariam de jogar futebol na biblioteca! O primeiro ponto positivo que atrelo a essa sugestão é que eles começaram a vislumbrar possibilidades, a biblioteca como sinônimo de liberdade criativa.

Logo começamos a pensar como fazer acontecer e por que não utilizar esse momento para trabalharmos o patrimônio cultural local com as crianças? É necessário perceber o território como um conjunto, focando em suas particularidades. O resultado foi muito especial e inclusivo. Em uma atividade articulada, em conjunto com o Cineclubes Penarol, com a curadoria de Diego Rodrigues, na parte da manhã exibimos a animação “Um Time Show de Bola” e, no momento do debate, trouxemos informações sobre o cenário do futebol de várzea na cidade de Camaragibe, a influência da Fábrica de Tecidos e os shows que eram realizados como uma forma de angariar verbas para manter os times.

Como planejamos com a Fundação de Cultura, foi possível a liberação da quadra do Guarany para que levássemos as crianças e passássemos a tarde jogando bola em times mistos com as mais diversas faixas etárias e com a presença de pais e mães, que levaram as crianças e se engajaram na experiência, oferecendo seus relatos.

Após várias tentativas, a comunidade passou a reconhecer a Semana de Férias como uma atividade local. O público usuário foi ampliado e passamos a ofertar atividades para jovens adultos, adultos e idosos. A gama de parceiros também cresceu: com apoio da Fundação de Cultura, algumas oficinas passaram a ser remuneradas e pudemos oferecer

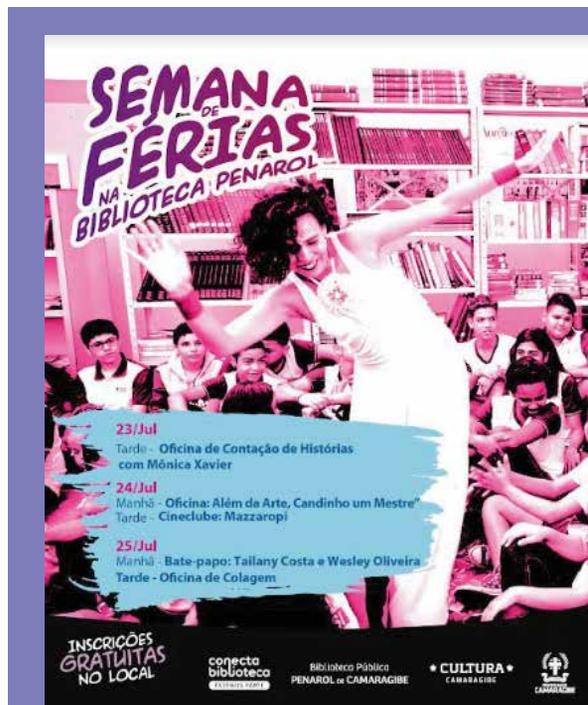
lanches entre as atividades, além de garantirmos a compra de todo o material de áudio e vídeo necessário para a execução do cineclube, que antes era realizado com os nossos próprios notebooks e caixinhas de som.

Percebam que não existe um único dia ou momento ideal para iniciar uma programação na Biblioteca Pública, mas pequenos passos insistentes são necessários. Além de que os profissionais da biblioteca precisam receber qualificação e buscar orientação adequada. A ausência de pessoas bibliotecárias e técnicas em biblioteconomia nesses espaços é alarmante! Alguns parâmetros para a estruturação e o funcionamento das Bibliotecas Públicas podem ser observados na Resolução nº 245, de 24 de novembro de 2021, do Conselho Federal de Biblioteconomia, de cuja formulação tive o grande prazer em ser a representante de Pernambuco e Alagoas, por meio do Conselho Regional de Biblioteconomia da 4ª Região.

Ainda para que as ações não dependam de pessoas específicas, precisamos, no caso de Camaragibe, implementar o Fundo de Cultura ao excelente Sistema Municipal de Cultura, que já foi aprovado, e ao Conselho Municipal de Cultura, que está em atividade. É um trabalho em cadeia, com atores que se complementam e se fortalecem.

A constância no apoio do poder público é primordial. Ele precisa arcar com as responsabilidades mantenedoras que lhe são devidas, buscando fomentar as parcerias, reservando as dotações orçamentárias, e precisa se dispor a ouvir quem está na biblioteca, se permitir embarcar na mudança do modelo no qual é concebido o imaginário estático da biblioteca e perceber que ela se adapta bem às mudanças da sociedade, pois é feita de gente para gente, não de livros em prateleiras.

A biblioteca pública municipal, além de preservar a memória local, deve estimular o sentimento de pertencimento da comunidade, fortalecer o território e atuar pela promoção de uma melhor qualidade de vida quando consegue ofertar aos seus usuários as informações necessárias para que eles possam exercer a cidadania. Nosso trabalho nesse espaço é essencialmente sobre cuidar de pessoas, agregar valores, transformar por meio do conhecimento. Ninguém disse que é fácil, mas insistimos que é totalmente possível.



Cards produzidos pela Fundação de Cultura de Camaragibe entre 2017 e 2020

Cenas de Leituras



O impacto da leitura na vida de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa na funase

Socorro Barros

A IX Feira de Leitura contou com a participação da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE), tendo a presença de duas Casas de Semiliberdade – o Casem Rosarinho e o Casem Harmonia – e também uma Casa de Internação Socioeducativa feminina, o Case Santa Luzia. Essa participação, como instituição parceira no processo de organização e planejamento coletivo da Feira, teve um reconhecimento de impacto positivo. A Comissão que, anteriormente, era apenas Circuito Infantil, com atividades voltadas para crianças, com a inserção de adolescentes e jovens nas atividades, caracterizou-se melhor como Circuito Infantil e Juvenil. Foram incluídas na programação ações de interesses de crianças, adolescentes e jovens no incentivo à leitura e ampliação do universo cultural, tanto no espaço da Universidade como em nível local, nas comunidades, promovendo trocas de saberes, intercâmbio cultural e aprendizado coletivo entre diferentes parceiros governamentais e da sociedade civil.

Quanto à relevância das ações da Feira de Leitura na vida dos adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa, percebe-se a elevação da autoestima na interação com outros espaços, a motivação na continuidade dos estudos, maior interesse pela leitura, melhora nas relações de convivência e fortalecimento de vínculos afetivos com os profissionais que os acompanharam. Dos adolescentes da Semiliberdade que participaram desses espaços, nesse período, quatro foram aprovados em processos de seleção do primeiro emprego, no Programa Jovem Aprendiz, passando a estagiar no Ministério Público e em unidade da Compesa.



Visita ao Memorial Denis Bernardes na Biblioteca Central da UFPE

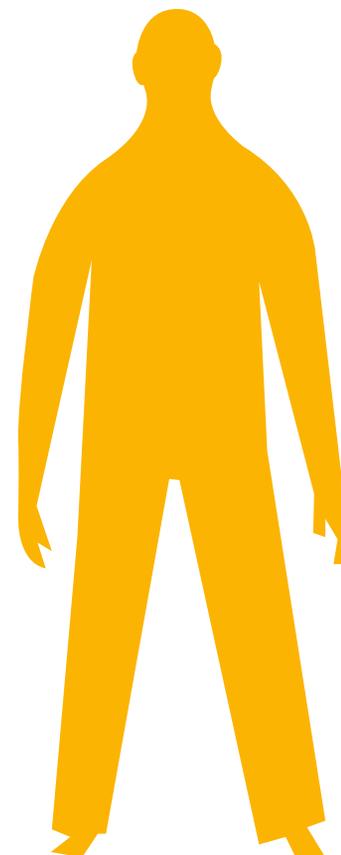


Visita ao Memorial Denis Bernardes na Biblioteca Central da UFPE

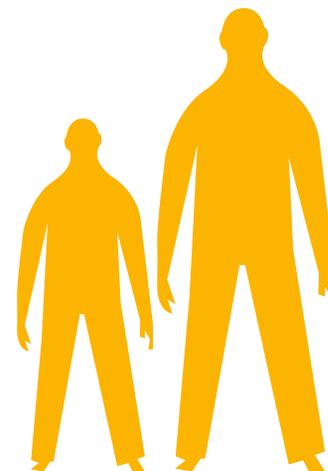
Sobre a autora

Contadora de histórias e mediadora de leitura, formadora em justiça restaurativa e facilitadora de Círculo de Construção de Paz, e Pedagoga na Casem Rosarinho e Casem Harmonia/Funase.

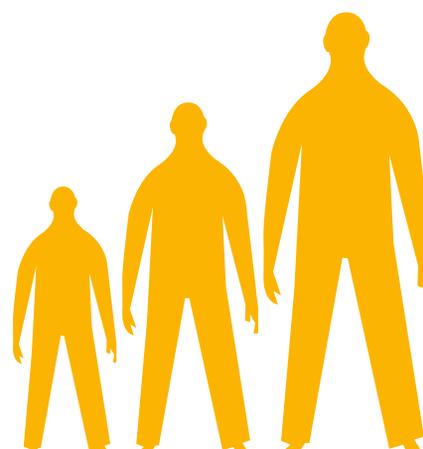
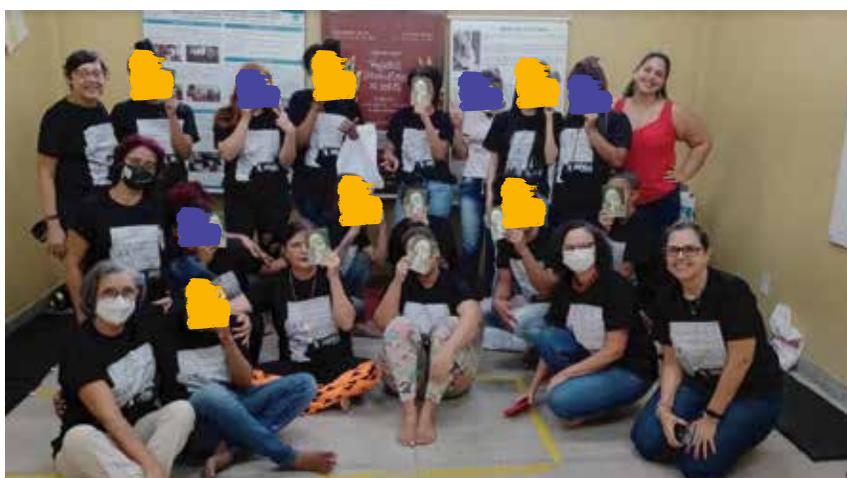




Visita interativa à exposição A Grande Serpente com Beta Ferralc na Biblioteca Central da UFPE



Participação das adolescentes na Oficina de Leitura Nessa onda eu vou! com a escritora Targélia de Souza Albuquerque no Case Santa Luzia



Participação na Manhã literária Venha navegar na onda da leitura no Case Santa Luzia em parceria com a Escola Pintor Lauro Villares



Sugestões de Atividades

Atividade →

Olhos que veem

Maria das Graças Vital de Melo

Objetivos

- Criar imagens verbais e não verbais a partir da compreensão de que o belo está na relação entre o objeto e o olhar.
- Descobrir as potencialidades dos materiais recicláveis para a produção de objetos belos.
- Expressar, através de produção artística, sentimentos e pensamentos a respeito da realidade, oriundos de uma observação apurada do mundo.

Foco

Produzir esculturas com materiais recicláveis, a partir de um tema.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- Transformação de objetos do cotidiano em coisas belas e com novos significados.
- Ampliação do repertório da linguagem verbal e não verbal.
- Exercício da capacidade imaginativa e criadora. Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita:

O desenvolvimento dos pensamentos sensível e simbólico é fundamental para os processos de alfabetização e letramento.

Orientações:

- 1 -** Os estudantes devem pesquisar na internet produções de artistas que transformaram lixo em arte.
- 2 -** Devem ser formados grupos, nos quais os estudantes vão conversar sobre suas observações a respeito dos objetos artísticos encontrados na internet.
- 3 -** Cada grupo definirá um tema, que servirá de mote para a produção.
- 4 -** A partir da escolha do tema, cada um dos grupos se dividirá em dois. Uma parte produzirá esculturas com materiais recicláveis (lixo humano limpo) sobre o tema e a outra parte produzirá poemas ou narrativas sobre o mesmo tema.
- 5 -** A escultura coletiva utilizará o lixo limpo produzido pela comunidade, podendo utilizar também: cola, arame, madeira, barbante para fixar/estruturar o objeto. É importante que os participantes interajam com o material disponível e percebam as possibilidades expressivas da produção em relação ao tema definido.
- 6 -** As produções devem ser elaboradas em um período de 40 minutos a 1 hora.
- 7 -** Com as esculturas prontas e os poemas ou narrativas registrados, uma primeira socialização será feita, dentro do próprio grupo.
 - a)** Os responsáveis pela produção escrita devem fazer a leitura das esculturas, observando suas formas, cores, texturas, procurando descobrir ritmos e movimentos relacionados à imagem construída.
 - b)** Os responsáveis pelas esculturas lerão os textos produzidos pelos colegas de grupo, observando se há semelhanças e/ou diferenças entre a produção verbal e a não verbal sobre o mesmo tema, tanto com relação à forma como ao conteúdo.
 - c)** Cada grupo refletirá sobre o trabalho realizado, procurando ver se há diálogo entre a escultura e o texto, se essas produções estão adequadas ao tema, se é preciso modificar algo nos trabalhos realizados, se o olhar do grupo é mais estereotipado ou inventivo, dentre outras questões. Esta etapa do trabalho constituirá uma avaliação do processo criativo vivenciado.
- 8 -** Os grupos devem socializar suas produções na sala de aula e organizar uma exposição das esculturas, com os respectivos textos, em um espaço coletivo da escola – pátio, biblioteca, refeitório.

Atividade ↪

Da pele para dentro: um mergulho na autoestima do povo negro

Tania Maria Rabelo

(EREM Álvaro Lins/biblioteca Governador Roberto Magalhães. Profª. da biblioteca)

Objetivos

Valorizar a vida dos(as) jovens negros e negras, desenvolvendo a autoestima por meio de ações positivas que valorizem a cultura e estética negras.

Foco Central

Abordar o racismo e seus impactos na autoestima da população jovem negra, proporcionando um ambiente sensível e acolhedor para discutir o assunto, centralizado na vivência dos estudantes racializados e em suas perspectivas.

Material necessário:

Abordar o racismo e seus impactos na autoestima da população jovem negra, proporcionando um ambiente sensível e acolhedor para discutir o assunto, centralizado na vivência dos estudantes racializados e em suas perspectivas.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- ↪ Sensibilização sobre o racismo, promoção da autoestima, valorização da cultura e estética negras, debates enriquecedores e pedagógicos, exaltação da negritude enquanto identidade, estímulo ao empoderamento, construção de uma rede de apoio, conscientização antirracista.
- ↪ Reflexão, ampliação do conhecimento, fortalecimento da identidade e autoestima, suporte emocional, quebra de estereótipos, combate ao racismo e promoção da igualdade.

Procedimento

↪ Apresentação do Projeto aos professores e alunos, criação de grupos de estudo, pesquisa sobre temas relacionados ao racismo, realização de sessões de filmes, palestras, exposições, circuito de descolonização da beleza, visitas culturais. Na culminância do Projeto, será realizada uma mostra, abrangendo tudo o que foi vivenciado e registrado durante o Projeto.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

Leitura de obras relevantes sobre o tema, aprofundamento em conceitos raciais, letramento racial, registro e relato das experiências vivenciadas, produção de desenhos, charges, cartuns, relatórios e outros documentos relacionados ao Projeto.

Atividade ↪

Conexões literárias: (re)vivendo os clássicos – uma experiência em sala de aula

Elizenice de Vasconcelos Peixoto Barros
José Pereira de Barros

Objetivos

- Estabelecer conexões entre histórias pessoais e leituras que perpassam gerações.
- Fortalecer as relações interpessoais entre os pares e seus familiares.
- Promover a leitura de clássicos literários de maneira mais significativa.

Material necessário:

Os livros de autores clássicos selecionados para a atividade podem ser na versão integral ou adaptada, traduzida ou versão nas línguas originais, em prosa ou em quadrinhos, em versão física ou digital, a depender do público-alvo (Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais ou Finais e Ensino Médio). Por exemplo, “O Pequeno Príncipe” (Saint Exupéry), “Alice no País das Maravilhas” (Lewis Carroll), “As Aventuras de Tom Sawyer” (Mark Twain) e “Dom Quixote” (Miguel de Cervantes). Lápis coloridos diversos, papel ofício, lápis grafite. Se possível, notebook, com conexão à internet e aplicativos ou programas como Canvas, Paint e outros.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

Viver o universo literário de obras que, em sua maioria, também foram lidas pelos seus familiares e amigos é uma experiência significativa. Na troca de impressões sobre essas leituras, os leitores adultos e proficientes podem reviver os clássicos e reencontrar velhos amigos literários. É muito significativo o exercício de empatia, ao colocar-se no lugar dos personagens e buscar entender seus conflitos, principalmente nesse momento em que muitos ainda buscam uma atitude de isolamento e indiferença social.

Orientações:

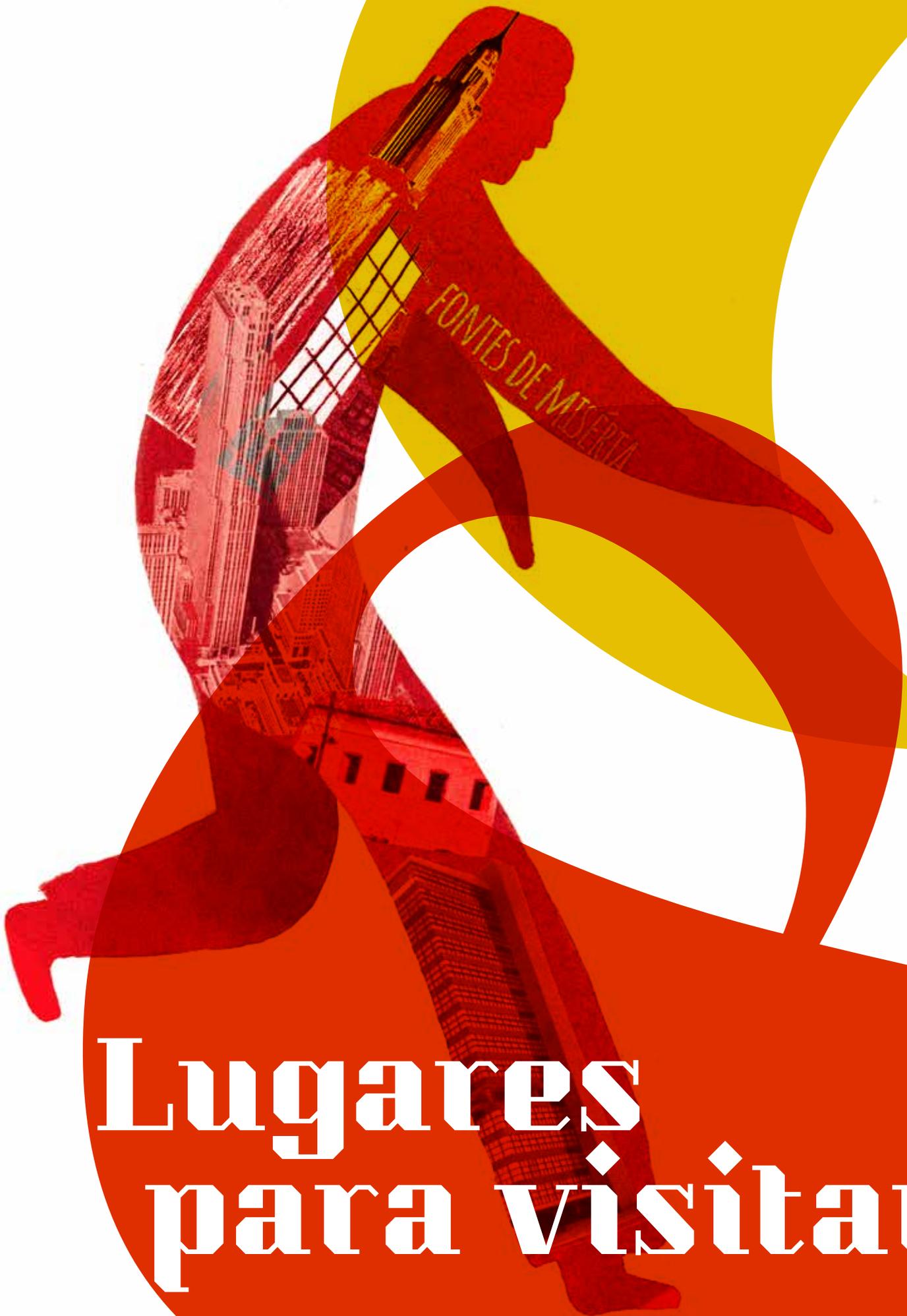
Antes da leitura, a partir dos critérios de escolha dos livros previamente selecionados, em roda de conversa, os estudantes apresentam suas expectativas sobre as narrativas que serão verificadas nas partilhas em sala de aula.

Durante a leitura, deve-se promover a reflexão sobre os conflitos dos personagens e as ações realizadas, destacando características e atitudes, promovendo a empatia e sugerindo alternativas. As pesquisas sobre os autores, individuais e em pares, visam destacar a influência do contexto histórico e social na composição das obras em estudo. A análise das ilustrações, fotografias e versões das capas podem destacar as relações subjetivas, semióticas e multimodais dos textos analisados.

No registro e reescrita dos textos, os estudantes devem levar em consideração os tipos e gêneros, assim como os suportes textuais: romance, resumo, biografia, autobiografia, entrevista, capa de livro e mapa mental.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

No exercício de produção textual, além de resumos e biografias dos autores, cada leitor pode escolher um personagem da história para composição de um texto autobiográfico e entrevistar leitores adultos ou fluentes do círculo familiar ou social, compartilhando impressões sobre as obras em estudo. Por fim, em parceria com o componente curricular Arte, recriar a capa da obra selecionada e elaborar um mapa mental das conexões literárias a partir das discussões em grupo, relacionado com outras obras, mídias e gêneros (filmes, animações, mangás, músicas, jogos etc.).



**Lugares
para visitar**

Parque Estadual Dois Irmãos

Maria das Graças Vital de Melo



Por que visitar?

A história do Parque Estadual de Dois Irmãos remonta ao início do século XX, quando, em 1916, foi criado o Horto Florestal de Dois Irmãos. A medida tinha o objetivo de proteger uma valiosa área de Mata Atlântica que abrigava o manancial com as águas de melhor qualidade para abastecer a capital pernambucana: o Açude do Prata. Inicialmente administrado pela Prefeitura do Recife, o Horto só passou à Fundação do Instituto de Pesquisas Agronômicas – IPA, do Governo de Pernambuco, em 1935. Quatro anos mais tarde, ele se transformou no Jardim Zoobotânico de Dois Irmãos, cujo primeiro Diretor foi o professor e ecólogo João de Vasconcelos Sobrinho. O Jardim Zoobotânico ganhou, em 1989, status de Reserva Ecológica, pela Lei nº 9.989. Finalmente, o Governo do Estado definiu, em 1998, a área como Parque Estadual Dois Irmãos, com 387,4 hectares, que incluía um fragmento de Mata Atlântica com os açudes do Prata, do Meio e de Dois Irmãos, além de 14 hectares de área construída do zoológico.

O Parque ainda passou por uma grande ampliação em 2017, quando o Estado estendeu sua área para os atuais 1.158 hectares. Assim, o equipamento passou a configurar como um dos maiores fragmentos urbanos de Mata Atlântica de Pernambuco e um importante centro de conservação da natureza do país. Hoje, seu objetivo é preservar a biodiversidade local, proteger os mananciais, além de promover atividades inovadoras nas áreas de Educação Ambiental e reprodução de animais em cativeiro.

Além de reunir um exuberante ecossistema de plantas e animais em vida livre, como preguiças, saguis, quatis, capivaras e aves diversas, o Parque Estadual de Dois Irmãos segue abrigando o zoológico do Recife, com cerca de 600 animais, entre répteis, aves, mamíferos e peixes distribuídos em mais de 120 espécies. Em suas instalações, dispõe de uma clínica veterinária voltada ao atendimento dos animais do zoológico, assim como dos que moram na mata. Ele ainda conta com o Museu de Ciências Naturais e com o CEA – Centro de Vasconcelos Sobrinho de Educação Ambiental.

O Centro Vasconcelos Sobrinho de Educação Ambiental (CEA) tem por objetivos socializar e promover os conhecimentos nas áreas de Ciências Biológicas, Veterinária, Zootecnia e Educação Ambiental. Nesse Centro, o conhecimento da natureza é adquirido através da vivência e do contato direto com a fauna, fazendo com que o zoo deixe de ser “vitrine de animais” para se transformar em centro de conservação da natureza. Além disso, o Centro mantém uma programação de eventos comemorativos dentro do calendário ecológico e pedagógico (Semana do Índio, Dia da Criança, Semana do Meio Ambiente etc.), colônia de férias (Zoo Férias, realizado em janeiro e julho), exposições temáticas, cursos e palestras sobre o meio ambiente, envolvendo atividades e informações sobre conservação, preservação e reciclagem. Como instituição educativa, incorpora as ações de divulgação e ampliação dos programas e projetos pedagógicos a todos os segmentos da sociedade, e, em particular, entre escolas, universidades, centros de pesquisas e desenvolvimento, secretarias de educação, prefeituras, municípios, centros de lazer e entretenimento.

Atualmente, o Parque Estadual de Dois Irmãos e o zoológico são administrados pela Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco (Semas/PE).



📌 O que observar?

Ao visitar o Parque de Dois Irmãos, inicie sua observação apreciando a Praça Farias Neves, localizada na frente do Zoológico, que foi projetada pelo paisagista Burle Marx e tem uma escultura de Abelardo da Hora. Essa praça foi projetada com traçados modernistas por Roberto Burle Marx, na década de 1930, estilo que o fez famoso no mundo inteiro. Observe a vegetação presente na praça e procure ler o nome científico e o nome popular de todas as árvores, que constam em uma plaqueta.



Ao ingressar no Parque, preste atenção à sinalização, iniciando pela placa das regras e de boas-vindas e pelo Mapa do Zoológico, o que orientará a sua visita. É importante obedecer às normas de segurança que estão indicadas nas placas espalhadas pelo Parque. Veja principalmente a beleza da flora e da fauna do Zoo, sua biodiversidade, observando principalmente os hábitos e características.

Ao participar da programação oferecida pelo Zoo, com atividades lúdicas e educativas, veja se as condições de acessibilidade para portadores de necessidades especiais são garantidas.





Para refletir/pensar:

- O que é necessário para melhorar as condições ambientais e de segurança das crianças no Parque de Dois Irmãos?
- Quais os benefícios e/ou prejuízos ambientais ao manter os animais em cativeiro nos zoológicos?

Outras informações:

- O Parque Estadual de Dois Irmãos fica situado na Praça Farias Neves, Rua Dois Irmãos, 1270, Bairro de Dois Irmãos, Recife, PE. CEP: 52.171-011. Telefone (81) 3184.7754.
- Funcionamento: Terça a domingo, das 9h às 16h. Nos meses de janeiro e julho, o Parque funciona diariamente.
- Entrada: R\$ 5,00 (inteira) e R\$ 2,50 (meia). Crianças até 5 anos ou até 1m de altura não pagam.

Para maiores informações:

- <https://semas.pe.gov.br/parque-estadual-de-dois-irmaos/>
- <http://www.portaisgoverno.pe.gov.br/web/parque-dois-irmaos/>
- <https://visit.recife.br/o-que-fazer/atracoes/parques-e-pracas/parque-estadual-e-zoologico-de-dois-irmaos>



A stylized illustration in shades of brown and orange. It depicts a child sitting and reading a book. The child's head is tilted down towards the book. The background features abstract, flame-like or leaf-like shapes in a lighter shade of orange. The overall style is graphic and minimalist.

CRIANÇAS
NAS NUVENS

Biblioteca: eu recomendo

Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira Da Torre

Siane Gois Cavalcanti Rodrigues

Como surgiu

A BCMT foi inaugurada em outubro de 2019. No início daquele ano, eu entrei em contato com Fabiano da Silva, presidente da Associação de Moradores da Comunidade Mangueira da Torre, para saber notícias acerca do seu plano de abrir uma biblioteca naquela comunidade, como ele dissera, em entrevista ao NE TV, meses antes. Na ocasião, a TV estava dando cobertura a uma campanha de arrecadação de livros que fora encampada pelo colégio Equipe que é parceiro da comunidade. As obras seriam doadas para a tal biblioteca. Foi então que Fabiano me disse que os planos tinham “ficado no papel”, pois ele não tinha como, sozinho, colocá-los em funcionamento. Diante de tal informação, propus-lhe uma parceria, que deu muito certo e dura até os dias atuais.

Atendendo a um pedido nosso, o colégio referido reformou a sede da Associação e eu convidei o meu colega e amigo, o professor Clécio Bunzen (UFPE), para coordenar comigo as atividades. Inscrevemos o Projeto da BCMT na Pró-Reitoria de Extensão da UFPE e juntaram-se a nós as professoras Simone Reis, do curso de Letras/Inglês, e Gabriela Falcão, do IFPE. Iniciamos uma ampla campanha de arrecadação de obras literárias, junto ao primeiro grupo de extensionistas, formado por oito alunos do curso de Letras e três de Biblioteconomia. Nos dias de hoje, contamos com a colaboração de dezenove extensionistas voluntários e uma bolsista. A equipe, que participa de encontros mensais de formação continuada no campo da mediação de leitura, vem sendo renovada no decorrer dos anos, à medida que os alunos vão se envolvendo com outras atividades universitárias, dando continuidade ao seu percurso formativo.

Minha história com a Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira da Torre

Minha história com a BCMT é permeada por muito trabalho e muito amor. Amor pelas crianças, pelos extensionistas, pelo espaço colorido que fomos desenhando, pela comunidade... Para contar essa história, vou transcrever (com a devida autorização) um pedido de desligamento do Projeto, que recebi, no mês de maio deste ano, de Maria Letícia Rufino, aluna do curso de Letras/Português e, agora, ex-extensionista:

Sianinha, vim me despedir. Não vou conseguir mais me manter ativa na biblio (sic). Então, decidi encerrar esse ciclo, que foi uma das fases mais lindas na minha vida universitária. A senhora e o projeto me ensinaram coisas lindas e pretendo levá-lo sempre comigo! Obrigada, de verdade, por ter me recebido de braços abertos e por ter me feito sentir parte de algo maior. A biblioteca é um dos trabalhos mais lindos que presenciei e espero que só continue se aprimorando. Desejo muito visitar em outras ocasiões pra matar a saudade das crianças e de vocês. Espero que a senhora não fique chateada com a minha saída. Sei como os extensionistas são importantes para o funcionamento do projeto e, por isso mesmo, estou saindo porque já não conseguia estar 100% presente como a biblio merece, mas espero que a senhora saiba que pode contar comigo se precisar de qualquer coisa que estiver ao alcance de uma mera universitária. Por fim, quero também agradecer pelas aulas de tricô, as tardes com bolo e as formações da biblio, que foram incríveis e levarei os aprendizados comigo.

Sobre a autora

Professora do Departamento de Letras/UFPE e atual Coordenadora da Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira da Torre.

Eu costumo dizer que a BCMT é uma das ações mais importantes de minha vida profissional. Mais do que Projeto de Extensão universitária, ela tornou-se projeto de vida para mim. É, assim como a sala de aula, oportunidade viva, pulsante, de mudar alguma coisa no mundo. Lugar em que a malfadada queixa segundo a qual as escolas brasileiras, em geral, não formam leitores literários, dá lugar à ação, à chance de testemunhar a maneira como as crianças vão, pouco a pouco, criando intimidade com os livros, fazendo-os parte de suas rotinas. Lugar, também, em que alunos e alunas da universidade pública dão à sociedade o retorno do investimento recebido, atuam na formação de leitores e formam-se, também, enquanto leitores não apenas de livros, mas do mundo, como muito bem disse o nosso mestre Paulo Freire. É onde, para usar novamente as palavras de Letícia, a gente se sente “parte de algo maior”, onde vamos transpondo, de forma inequívoca, os muros da universidade, historicamente, tão altos para a população mais desfavorecida economicamente.

Nesse lugar, a gente exerce, antes de mais nada, o amor pelo outro. É com esse sentimento que os extensionistas, em sua maioria absoluta voluntários, tomam, muitas vezes, dois ou três ônibus para chegar à Comunidade Mangueira da Torre. Eu não tenho dúvidas de que, no futuro, quando estiverem no exercício da docência, serão professores e professoras engajados(as) na luta por uma sociedade menos desigual. Profissionais que entenderão o sentido mais profundo da afirmação de Freire: “sem amor, não há docência”.

Atividades desenvolvidas

Os extensionsitas são essenciais ao funcionamento do Projeto, que é de protagonismo estudantil. Eles assumem o compromisso de dar um expediente semanal de meio turno na biblioteca e se agrupam em equipes que atuam: 1) na mediação de leitura; 2) no trabalho com o acervo (triagem, classificação, tombamento e etiquetagem das obras); 3) na organização de eventos; 4) na organização das obras nas estantes; e 5) na organização de sebos periódicos, visando à arrecadação de recursos para o custeio de suas passagens.

**Para saber mais sobre a nossa história,
visite o nosso Instagram
[@bc_mangueiradatorre](#).**

Continuamos arrecadando obras.



Resenhas



Chico – Artista Brasileiro

Telma Leal

Tive muitas paixões na vida! Não há dúvida. Uma delas começou na adolescência, quando o conheci entre capas de LPs. O olhar dele me encantou e busquei a voz, a fala, o ritmo. Impossível enumerar quantas noites estivemos ali, cantando suas canções, imaginando as letras escondidas. Eu e ele, mesmo que ele nunca tenha sabido disso!

Suas músicas falam da vida, dos lugares, dos tempos. Falam de política, desigualdades sociais, identidades e esperança. De esperança, também falam seus olhos!!!!

Todos os anos, eu esperava o Natal para ganhar mais um disco para minha coleção, que guardo com carinho no canto de destaque da sala. A vitrola não parava de tocar e tocar. Nas suas canções, me encontrava. Em muitos cantos que ia, estava ele a compor os cenários.

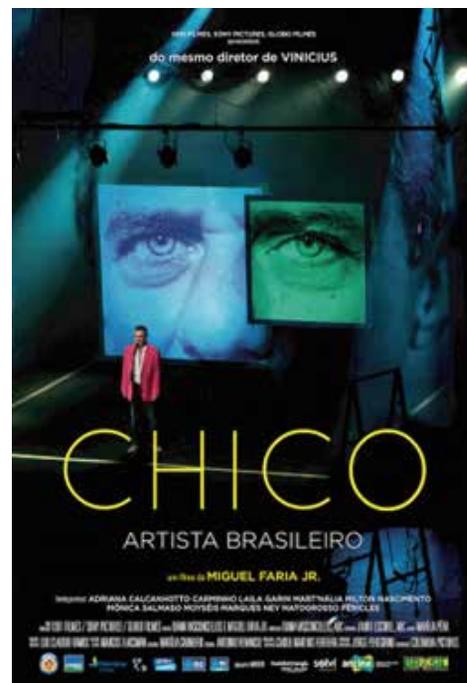
Mas demorou um pouco até que eu encontrasse, entre obras das livrarias, os seus livros. Um dia, me deparei com seu nome estampado em uma obra. Faz tempo!!! A partir daí, nossa intimidade aumentou. Comecei a caçá-lo nas livrarias. A paixão aumentava cada vez mais: Fazenda modelo, O irmão alemão, Budapeste, Benjamim, Leite derramado e tantos outros. Devorava-os com a gana da vida.

Um dia desses, estando a buscar filmes na TV, deparei-me com o título “Chico – Artista Brasileiro”, documentário produzido em 2015, por Miguel Faria Jr. Não entendo por que eu, sua tão íntima amiga, só o gostei agora, depois de tanto tempo passado.

O documentário fala de nossa história, da luta contra a ditadura, dos compassos e descompassos da vida desse tão ilustre artista, que entende em profundidade a alma brasileira.

Chico aparece com o sorriso que lhe é peculiar, entre dentes e olhos, contando cenas de sua história, seus amores, seus afetos, seus medos. Em entrevistas recortadas, depoimentos e músicas cantadas, perpassam trechos de sua memória, com tal simplicidade que não há como distanciar-se dele.

Esse documentário me fez reviver momentos de encantamento e saberes que ele, Chico, ajudou a construir. &



Cartaz de divulgação
Chico - Artista Brasileiro
Filme 2013
AdoroCinema



Leite Derramado

Telma Leal

Memórias narradas são sempre narrativas de um mundo próprio. As memórias e os lapsos de memória são nossa história, nossa existência: “se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida”. São as memórias que nos perpetuam em vida. Sem memórias, somos corpo apenas. O que contamos ao outro, contamos a nós mesmos: “É para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópia dela, para a hipótese de a história se extraviar”.

É assim com Eulálio, em um leito de hospital, em despedida deste mundo, que reconta a si, às enfermeiras, à filha e a todos nós, memórias de vidas, saga de uma família decadente situada nas memórias da história de um país, não longínquo, mas aqui, do Brasil. A família Assumpção é o retrato de nossa herança burguesa nos modos de fazer política: “Desembaraçar na alfândega artefatos e explosivos, por exemplo, era questão que meu pai resolvia com um telefonema, ou por meio de qualquer despachante”.

Em meio a palavras soltas, são destilados os preconceitos de uma sociedade elitista: “Vou lhe ensinar a falar direito, a usar diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde”. São as diferenças sociais que perpassam muitos trechos dessas memórias marcadas por um país desigual. Preconceitos de diferentes tipos, sobretudo o racismo e o machismo, são escancarados no retrato dessa família representativa das muitas famílias brasileiras que dominam a política, a religião, a ordem nacional.

Memórias também dialogam com outras memórias. É assim que Eulálio dialoga com Brás Cubas, de Machado de Assis, para expor a fragilidade humana. Fragilidade escancarada na morte, na nossa morte em vida e após vida. A morte da capacidade de contar de modo fácil o que é difícil de ser vivido. Capacidade que se deteriora com o tempo, à medida que se deteriora nosso corpo e nossa mente. Eulálio fala, de modo desordenado, sobre o que viveu. Em meio às repetições, às lacunas e incongruências, ele se mostra fragilmente humano e se vê em meio às mesquinhas de uma vida com pessoas esnobes: “Agi como um esnobe, que, como todos devem saber, significa indivíduo sem nobreza”. Tempo que é contrastado com o fim da vida: “As pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro.”

Eulálio também fala de cenas boas que viveu, das aventuras, das paixões. Ele nos apresenta Matilde, e, por meio dela, todos os amores mal resolvidos das narrativas comuns do dia a dia: “só de Matilde no saguão da escola juntei recordações em série para o resto da vida”. Mas Matilde seguiu seu rumo, deixando a filha e lembranças que nenhuma borracha apagou. Na velhice daquele hospital, Eulálio amarga a solidão e a saudade de Matilde.

As memórias relatadas nos fazem pensar no que são memórias e no que é o tempo. Esse tempo que parece lento quando somos rápidos e que corre em disparada quando os movimentos se tornam lentos.

Em Leite derramado, Chico Buarque nos dá o prazer de caminhar ao lado de Eulálio e pensar na vida, nos tempos perdidos, nas fragilidades e desigualdades sociais. Mas Chico Buarque também nos desperta o desejo de acumular lembranças boas, que para serem lembradas precisam ser vividas. Mostra-nos que o tempo não para e que precisamos ter boas munições para formar nossas memórias.&



Foto da capa da obra
Leite derramado - Chico Buarque
Grupo Companhia das Letras

Um pouco de humor e apurando o olhar

Por Beatriz de Barros de Melo e Silva





<https://www.dinoleta.com/tirinha-familia-dinoleta-n-6-fazendo-arte/>

CHARGES

A charge é um gênero jornalístico que se utiliza da imagem para expressar à coletividade o posicionamento editorial do veículo. É uma crítica carregada de ironia e que reflete situações do cotidiano.

O termo charge é oriundo do francês charger e significa carga, exagero e ataque violento. As charges retratam situações da atualidade.

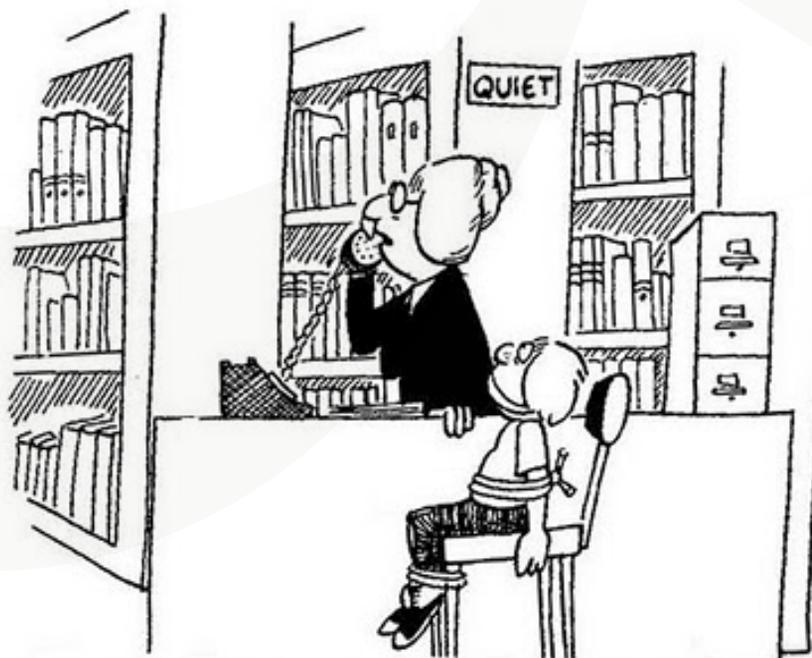
(Escrito por Daniela Diana), professora licenciada em Letras.

Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/genero-textual-charge/#:~:text=A%20charge%20%C3%A9%20um%20g%C3%A3nero,carga%20exagero%20e%20ataque%20violento.>



<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1214361695320408&set=ecnf.100069788387080>



"Eu não estou brincando Sra. Sharp. Você está com o nosso livro. Eu estou com o seu filho"

<https://biblio20.wordpress.com/2010/08/03/tirinhas-sobre-livros-e-bibliotecas/>

TERMINEI! Esta obra vai se chamar:
mona_lisa_corrigida_final_7_agoravai.psd



 thiagor.designer

<https://inspi.com.br/2019/10/18-tirinhas-que-so-os-profissionais-criativos-entenderao/>

Apurando o olhar

ARTE FIGURATIVA – AUTORES PERNAMBUCANOS

Observe maneiras diferentes de representar a figura humana, a partir de 3 GRANDES NOMES da Arte de Pernambuco.

Tereza Costa Rego



Título: TEJUCUPAPO

Ano: 2015

Técnica: Painel

Medidas: 8 x 2,2 m

Fonte: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/220/o-tempo-nao-venceu-tereza-costa-rego>

No painel de 8 x 2,2 metros, a artista conta sua versão sobre a Batalha de Tejucupapo, liderada por mulheres.

Foto: Reprodução

Rinaldo Silva



Título: Sem título

Ano: 2018

Técnica: Desenhos em nanquim sobre papel

Série: Beleza Guardada

Medidas: 42 x 29,7 cm

Gil Vicente



ESCULTURAS



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/365687821157017/posts/881934286199032/>

**Monumento à Bondade, Misericórdia e Compaixão
Turquia – Azerbaijão**



Fonte: <https://pt.quora.com/Quais-esculturas-cujas-hist%C3%B3rias-trazem-importantes-reflex%C3%B5es>

Monumento aos livros queimados, Berlim

Micha Ullman. A biblioteca vazia, 1995, Bebelplatz, Berlim. O monumento de estantes vazias, em Berlim, traz a mensagem de que nem todos consideraram o livro como melhor amigo. O monumento faz referência a um acontecimento de maio de 1933, quando nazistas queimaram mais de 20 mil exemplares de livros. Próximo à escultura, existe uma placa com uma citação do poeta Heinrich Heine: “Aquilo foi apenas um prelúdio: onde livros são queimados, acaba-se queimando pessoas também”.



Fonte: <https://tendencee.com.br/2018/12/artista-britanico-criou-esta-escultura-para-destacar-nossa-obsessao-com-smartphones/>

**Gali May Lucas e Karoline Hinz. Absorvido pela luz,
2018.**

O Amsterdam Light Festival é um dos maiores festivais de luz da Europa. É realizado anualmente desde 2012.



Fonte: <https://www.semprefamilia.com.br/blogs/acreditamosnoamor/a-historia-da-escultura-de-jesus-sem-teto-que-o-papa-dou-a-arquidiocese-do-rio/>

Timothy Schmalz . Jesus sem-teto, 2018.

A Arquidiocese do Rio de Janeiro vai inaugurar no domingo (18/11), junto à sua catedral, uma escultura chamada Jesus sem-teto. A obra do artista canadense Timothy Schmalz foi um presente do Papa Francisco à Igreja carioca e representa um mendigo em tamanho real deitado em um banco de praça, protegido por um cobertor que deixa entrever os seus pés, chagados como os de Jesus.

Schmalz realizou a primeira versão da estátua em 2013 para o Regis College, uma faculdade de teologia dos jesuítas em Toronto.

Revista Especial

Revista Especial Revista Especial Lançamento na X Feira de
Leitura do Centro de Educação da UFPE.

A Revista foi composta em Fira Sans e Kumar One, projetadas por
Carrois Apostrophe e Indian Type Foundry, respectivamente.



REALIZAÇÃO:

CEEL CENTRO DE ESTUDOS
EM EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

